QUE PEUT DIRE UN HISTORIEN DES SCIENCES SUR SAUSSURE?

O QUE PODE DIZER UM HISTORIADOR DA CIÊNCIA SOBRE SAUSSURE?¹

SYLVAIN AUROUX²

Laboratoire d'histoire des théories linguistiques (HTL)

Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)

Université Paris Diderot - Paris 7

auroux.sylvain@wanadoo.fr

Une grande partie de l'historiographie saussurienne repose sur une certaine idée (un certain mythe) de la science : elle serait discontinue selon le modèle que G. Bachelard avait construit à partir de la physique moderne³ et que ses disciples ont appliqué à la chimie lavoisienne. Ce modèle rejoignait la grande étude d'A. Koyré sur Galilée⁴ et les idées qu'il développait sur la notion de « révolution scientifique ». Ce modèle avait l'avantage de rompre avec l'idée naïve du 19^{ème} siècle selon laquelle la science serait une simple accumulation de « découvertes ». Il supposait une « naissance » de la science par « rupture épistémologique » qui séparerait dans l'histoire de nos représentations la « vraie » science de l'idéologie. De ce fait, le modèle a eu l'inconvénient de susciter la découverte d'innombrables « ruptures épistémologiques » dans tel ou tel domaine du savoir. C'est dans ce contexte des années

Uma grande parte da historiografia saussuriana repousa sobre uma certa idéia (um certo mito) de ciência: ela seria descontínua, de acordo com o modelo construído por G. Bachelard, a partir da Física Moderna e aplicado, por seus discípulos, à Química Lavoisiana. Tal modelo retoma o grande estudo de A. Koyré sobre Galileu e as ideias que ele desenvolvia sobre a noção de “revolução científica”, o qual tinha a vantagem de romper com a ideia ingênua do século XIX de que a ciência seria uma simples acumulação de “descobertas”. Não só isso: ele supunha um “nascimento” da ciência pela “ruptura epistemológica” que separaria, na história das nossas representações, a “verdadeira” ciência da ideologia. Desse fato, o modelo teve o inconveniente de suscitar a descoberta de inumeráveis “rupturas epistemológicas”, neste ou naquele domínio do saber. É nesse contexto dos anos sessenta

¹ Esse texto seria a conferência de abertura que deveria ter sido ministrada no evento XI Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística, em Buenos Aires (Argentina), nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2017. Entretanto, Sylvain Auroux não pode comparecer e gentilmente enviou o texto à comissão organizadora, a qual compartilhou com os participantes do evento. A presente tradução é de responsabilidade da seguinte equipe: Dra. Amanda Eloina Scherer (UFSM), Dra. Maria Iraci Sousa Costa (Laboratório Corpus – UFSM) e Maurício Bilião (Mestrando em Letras pela UFSM).

² Sylvain Auroux (1947-), é pesquisador no CNRS desde 1979, considerado o fundador, na França, de pesquisas sobre história e epistemologia das ciências da linguagem. É autor de um vasto conjunto de produções neste campo.

³ *La philosophie du non*, 1940.

⁴ *Etudes galiléennes*, Paris, Hermann, 1939

soixante que Saussure a été la victime ou le « bénéficiaire » de cette mode. Les textes des linguistes « allemands » (de langue germanique) du 19^{ème} siècle, comme ceux de Saussure pouvaient prêter assez facilement à la démarche, puisque le genevois lui-même se voyait comme le fondateur de la vraie « science » linguistique. Avant lui rien de scientifique ne se serait fait concernant le langage. Il s'agit d'un point de vue difficilement admissible, voire absurde, pour ceux qui ont une connaissance approfondie des disciplines qui ont le langage pour objet, savoirs dont l'origine remonte au tournant des troisième et second millénaires⁵.

On a vite remarqué que cette vision de la science ne correspondait pas à son fonctionnement normal. A partir des années cinquante du vingtième siècle, les historiens des sciences ont bâti un autre modèle plus conforme au développement de nos connaissances sur le long terme. Appliqué à Saussure le nouveau modèle implique qu'on puisse répondre à la question : qu'a *découvert* le linguiste, nous voulons dire quelle nouvelle connaissance a-t-il apporté et qui demeure stable dans la pratique du linguiste. Nous avons un recul de 100 ans et notre méthode autant, sinon plus que l'ancienne, reconnaît en Saussure un immense linguiste. Pour la révolution scientifique, c'est autre chose ; la nouveauté n'introduit pas tant de discontinuité qu'on ne puisse reconnaître des éléments de l'Ancien Régime dans le Nouveau, ni entrevoir dans l'Ancien ce qui va se passer.

Pour un historien, la science est un domaine empirique doté de la structure suivante :

- i) Les faits sont constitués de connaissances, c'est-à-dire d'assertions consacrées à des domaines d'objets et validées par des protocoles empiriques et formels récupérables;
- ii) Les connaissances sont des inventions, c'est-à-dire des innovations reprises dans

que Saussure foi a vítima ou o “beneficiário” desta moda. Tanto os textos dos linguistas “alemães” (de língua germânica) do século XIX como aqueles de Saussure podiam se prestar muito facilmente à essa abordagem, porque o próprio autor genebrino se via como o fundador da verdadeira “ciência” linguística. Antes dele, nada de científico teria sido feito no que se refere à linguagem. Trata-se de um ponto de vista dificilmente admissível, absurdo, para aqueles que possuem um conhecimento aprofundado das disciplinas que têm a linguagem por objeto, saberes cuja origem remonta em torno ao terceiro e ao segundo milênios.

Entendemos rapidamente que essa visão de ciência não correspondia ao seu funcionamento normal. A partir dos anos cinquenta do século XX, os historiadores da ciência construíram um outro modelo, mais em conformidade com o desenvolvimento de nossos conhecimentos tomados a longo termo. Aplicado a Saussure, o novo modelo implicaria que pudéssemos responder à questão: o que descobriu o linguista, ou, em outras palavras, sobre esse novo conhecimento que ele construiu, o que, efetivamente, se mantém estável na prática do linguista? Nós temos um recuo de cem anos, e nosso método tão, se não mais, antigo, reconhece em Saussure um imenso linguista. Para a revolução científica, é outra coisa; a novidade não introduzia o tanto de descontinuidade que não se pudesse reconhecer os elementos do Antigo Regime do Novo, nem entrever, no Antigo, o que iria se passar.

Para um historiador, a ciência é um domínio empírico, dotado da seguinte estrutura:

- i) os fatos são constituídos de conhecimento, quer dizer, de asserções consagradas a domínios de objetos e validados por protocolos empíricos e formais recuperáveis;
- ii) o conhecimento é invenção, isto é, inovação retomada no horizonte de

⁵ *Histoire des idées linguistique*, S. Auroux, dir., 3 vols., 1989-2000, Liège, Mardaga.

- l'horizon de rétrospection de la communauté et vérifiables quand besoin est ;
- iii) Le temps est une dimension essentielle des disciplines scientifiques : il n'y a pas de science instantanée ni de science sans mémoire (ou horizon de rétrospection);
- iv) Les connaissances sont discontinues (elles correspondent à des inventions isolables, plus ou moins datables et subsistantes) et sont également insérées dans des ensembles plus vastes ou champs de connaissances.
- v) La structure des champs de connaissances peut varier sans pour autant faire disparaître certaines inventions ou noyaux de rationalité (par exemple , pour les sciences du langage la théorie des temps, ou celle des cas grammaticaux).
- vi) De nouveaux objets peuvent apparaître dans un domaine de connaissance ou disparaître; ces phénomènes peuvent dépendre de la structure du champ, d'un changement d'intérêt ou de l'apparition de nouvelles données empiriques.
- vii) Un domaine de connaissances qui n'aurait pas de noyaux de rationalité sur le long terme ne serait pas une science. Les noyaux de rationalité sont soumis à révision, mais on peut toujours reconnaître leurs filiations ou leur récurrence.
- viii) Les assertions fondées sur la structure d'un champ de connaissances à un moment donné n'ont aucun besoin d'être stables. L'idée que l'on a de la science (indépendamment de la démarche historique) fait partie de ce type d'assertion.
- retrospecção da comunidade e verificável quando necessário;
- iii) o tempo é uma dimensão essencial das disciplinas científicas: não há ciência instantânea nem ciência sem memória (ou horizonte de retrospecção);
- iv) o conhecimento é descontínuo (ele corresponde a invenções isoláveis, mais ou menos datáveis e substanciais) e é igualmente inserido nos conjuntos mais vastos ou em campos de conhecimentos;
- v) a estrutura dos campos de conhecimentos pode variar, sem, para tanto, fazer desaparecer certas invenções ou núcleos de racionalidade (por exemplo, para as ciências da linguagem, a teoria dos tempos, ou aquela dos casos gramaticais);
- vi) novos objetos podem aparecer em um domínio de conhecimento ou dele desaparecer; esses fenômenos podem depender da estrutura do campo, de uma mudança de interesse ou do aparecimento de novos dados empíricos;
- vii) um domínio de conhecimento que não tenha núcleos de racionalidade a longo termo não seria uma ciência. Os núcleos de racionalidade estão submetidos à revisão, mas podem também ter reconhecidas suas filiações ou sua recorrência;
- viii) as asserções fundadas sobre a estrutura de um campo de conhecimento em um dado momento não têm nenhuma necessidade de serem estáveis. A ideia que temos de ciência (independentemente da abordagem histórica) faz parte desse tipo de asserção.

1. Peut-on « inventer » une science sur un domaine d'objets disposant de connaissances avérées sur le long terme ?

Lorsqu'ils s'intéressaient à l'histoire de leur discipline, les linguistes allemands du 19^{ème} siècle ont introduit une thématique nouvelle dans la représentation du développement des sciences du langage : ces savoirs auraient acquis le statut de

1. Podemos “inventar” uma ciência sobre um domínio de objetos dispondo de conhecimentos revelados a longo termo?

Quando se interessavam pela história de sua disciplina, os linguistas alemães do século XIX introduziram uma temática nova na representação do desenvolvimento das ciências da linguagem: tais saberes teriam adquirido o estatuto de “ciência” somente a

« science » seulement à partir de la grammaire comparée. Cette idée a connu une immense fortune ; on la retrouve, modérée par l'idée de stades successifs (grammaire → philologie → grammaire comparée), dès les premières lignes du *Cours de linguistique générale* (1916) de F. de Saussure, qui va plus loin en suggérant que le processus n'est pas achevé :

la science qui s'est constituée autour des faits de langue a passé par trois phases successives avant de reconnaître quel est son véritable et unique objet.

A l'époque du structuralisme on en a retenu l'idée que Saussure était le fondateur de la linguistique comme « science ». Pour un historien qui possède une visée globale, il n'y a pas plus d'inventeur de « science », qu'il n'y a d'inventeur du feu ou de la roue. A un certain moment des personnages peuvent écrire un traité qui met en forme des connaissances et les présente comme un corps de doctrine qui servira de référence. C'est le cas des « premiers grammairiens » comme Panini, Sibawahi ou Denys le Thrace. Ils n'ont évidemment pas inventé tout d'un coup la grammaire. Dans le domaine des sciences il n'y a pas plus de génération spontanée qu'il y en a en biologie. Dans les trente dernières années les historiens des sciences du langage ont remis de l'ordre dans toutes ces affirmations.

Dans cette communication, je m'intéresserai à une question bizarre : que peut-on retenir de Saussure comme « inventeur » de « connaissances linguistiques », au sens que l'on vient de formuler.

2. Le cas évident des sonantes et des coefficients sonantiques

On sait que le linguiste genevois F. de Saussure (1857-1913) a d'abord reçu une formation de comparatiste auprès des néogrammairiens de Leipzig, ville où il soutint une thèse consacrée à l'emploi du génitif absolu en sanskrit (1880). En ce sens

partir da gramática comparada. Essa ideia teve uma importância significativa; nós a encontramos diluída na ideia de estados sucessivos (gramática → filologia → gramática comparada), desde as primeiras linhas do Curso de Linguística Geral (1916) de F. de Saussure, que vai mais longe quando sugere que o processo não está acabado:

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.

Na época do estruturalismo, nós retivemos a ideia de que Saussure era o fundador da linguística como “ciência”. Para um historiador que possuía uma visão global, não há inventor da “ciência”, como também não há inventor do fogo ou da roda. Em um certo momento, os personagens podem escrever um tratado que, colocado em forma de conhecimento, os apresenta como um corpo de doutrina que servirá de referência. É o caso dos “primeiros gramáticos” como Panini, Sibawahi ou Denys Le Thrace. Eles evidentemente não inventaram de uma só vez a gramática. No domínio da ciência, não há nada mais da geração espontânea como existe na biologia. Nos últimos trinta anos, os historiadores das ciências da linguagem colocaram em ordem todas essas afirmações.

Neste texto, eu me interessarei por uma questão bizarra: será que podemos manter Saussure como “inventor” de “conhecimentos linguísticos”, no sentido recém formulado?

2. O caso evidente das soantes e dos coeficientes sonânticos

Sabemos que, inicialmente, o linguista genebrino F. de Saussure (1857-1913) recebeu uma formação de comparatista, junto aos neogramáticos de Leipzig, cidade onde ele defendeu uma tese consagrada ao uso do genitivo absoluto em sânscrito

il pratiquait la « science normale » de son temps. On lui doit dans ce contexte deux inventions sur lesquelles je ne m'attarderai pas :

i) Les « sonantes » ces consonnes voyelles qui expliquent certaines évolutions indo-européennes (le *n* voyelle, par exemple). C'est quelque chose que Saussure revendique dans sa correspondance précoce, mais plusieurs professeurs de Leipzig ont publié sur la question. C'est un concept admis que Saussure reprend dans son *Mémoire* de 1879. Il s'agit d'une véritable invention (multiple). Selon les critères admis (antériorité de la publication, références), il n'est guère possible de l'attribuer à Saussure. Son rapport aux « sonantes » est anecdotique.

ii) Il publia en 1879 un mémoire sur le vocalisme indo-européen où, pour expliquer la coloration vocalique de certaines formes, il postulait l'existence, lors d'un stade antérieur, à côté de certaines voyelles, d'éléments disparus (les « coefficients sonantiques », dont on ignore la prononciation) qui en expliquent la transformation. La maturité et la valeur scientifique de ce texte sont impressionnantes ; en 1916, on retrouvera des exemples de ces éléments (des laryngales) dans une langue disparue que l'on commençait à savoir déchiffrer, le hittite. Hjelmslev notera la nouveauté de la méthode, véritable origine de l'approche structurale. Il s'agit incontestablement de la grande découverte de Saussure dans le domaine de la grammaire comparée. Elle est confortée et consolidée par les linguistes⁶ d'aujourd'hui, c'est-à-dire que comme toute grande découverte, elle continue d'être présente dans le travail des chercheurs.

Si on s'arrêtait là Saussure serait déjà un très grand linguiste, auteur d'inventions considérables. A première vue la suite n'est pas aussi féconde. De 1881 à 1891, Saussure

(1880). Nesse sentido, ele praticava a (ciência normal) de seu tempo. Nós devemos a ele, nesse contexto, duas invenções sobre as quais eu não me deterei:

i) as “sonantes”, essas consoantes vogais que explicam algumas evoluções indo-europeias (o N vogal, por exemplo) é alguma coisa que Saussure reivindica em sua correspondência precoce, mas muitos professores de Leipzig publicaram sobre a questão. É um conceito admitido que Saussure retoma em seu *mémoire* de 1879. Trata-se de uma verdadeira invenção (múltipla). Segundo os critérios admitidos (anterioridade da publicação, referências), não é possível atribuí-lo à Saussure. Sua relação às “sonantes” é anedótica.

ii) ele publicou em 1879 um *mémoire* sobre o vocalismo indo-europeu onde, para explicar a coloração vocálica de algumas formas, postulava a existência, durante um estado anterior, ao lado de certas vogais, de elementos desaparecidos (“os coeficientes sonânticos”, do qual ignoramos a pronúncia) que explicam a transformação. A maturidade e o valor científicos desse texto são impressionantes; em 1916, encontraremos exemplos desses elementos (laringais) em uma língua desaparecida que começava a ser decifrada, o hitita. Hjelmslev notará a novidade do método, verdadeira origem da abordagem estrutural. Trata-se, incontestavelmente, da grande descoberta de Saussure no domínio da Gramática Comparada. Ela é confortada e consolidada pelos linguistas⁴⁷ de hoje, isto é, como toda grande descoberta, ela continua a estar presente no trabalho dos pesquisadores.

Se parássemos por aqui, Saussure seria um grande linguista, autor de invenções consideráveis. À primeira vista, a continuidade de seu trabalho não é tão

⁶ Charles de Lamberterie, «La Théorie des laryngales en indoeuropéen », AIBL Comptes rendus de l'Année 2007, pp.141-166.

⁴⁷ Charles de Lamberterie, “La Théorie des laryngales en indoeuropéen”, AIBL Relatório do ano 2007, pp. 141-166.

est maître de conférences à l'Ecole pratique des hautes études à Paris, dans un milieu où des personnalités comme M. Bréal, V. Henry, P. Meyer et G. Paris s'opposaient vivement aux néogrammairiens; puis il retourne à Genève, comme professeur, où il meurt précocement, après avoir donné en 1907, 1908/1909 et 1910/1911 des cours consacrés à la « linguistique générale ». De son vivant, il n'a publié que des articles techniques sur la grammaire comparée. Sa gloire lui viendra d'un ouvrage posthume, le⁷ *Cours de linguistique générale* (1916), mis en forme par ses disciples C. Bally, A. Sechehaye et A. Riedlinger, à partir de notes conservées par certains de ses étudiants. Il est aussi l'auteur de manuscrits consacrés à rechercher un sens caché dans certains ouvrages poétiques, sens manifesté par un mot que l'on découvre grâce à l'analyse de suites de lettres présentes dans le texte (anagrammes⁸). Il abandonna ces recherches lorsqu'ayant découvert le même procédé chez le poète italien Parodi, ce dernier ne répondit pas à ses lettres.

L'impact du *Cours* ne fut pas immédiat. Par exemple, si le linguiste américain L. Bloomfield, rédige en 1923 un compte rendu de la seconde édition du *Cours*, mais dans son célèbre manuel de 1933 (*Language*), il ne cite aucun écrit du genevois. Ce dernier est évidemment évoqué dans les principaux écrits de ceux qui renouvellent la linguistique dans les années 30 (Ecole de Prague, Ecole de Copenhague); mais il n'est qu'une source parmi d'autres. En 1945 encore, lorsqu'E. Cassirer publie dans le premier volume de la revue *Word*, un article consacré au « Structuralism in modern linguistics », il ne le cite qu'en passant, parmi quatre autres linguistes plus récents (Brondal, Jakobson, Trubetzkoy et Meillet). Il était toutefois contesté dès 1929 dans le

fecunda. De 1881 à 1891, Saussure foi professor na École Pratique des Hautes Études em Paris, ao lado de personalidades como M. Bréal, V. Henry, P. Meyer e G. Paris, os quais se opunham vivamente aos neogramáticos; depois, ele retorna à Genebra, também como professor, onde morre precocemente, após ter ministrado, em 1907, 1908/1909 e 1910/1911, os cursos consagrados à “linguística geral”. Em vida, ele publicou apenas artigos técnicos sobre a gramática comparada. Sua glória virá de uma obra póstuma, o Curso de Linguística Geral (1916), editado por seus discípulos C. Bally, A. Sechehaye e A. Riedlinger, a partir de notas conservadas por alguns de seus estudantes. É também o autor de manuscritos consagrados se interessando pelo sentido escondido em algumas obras poéticas, sentido manifestado por alguma palavra que vai sendo descoberta graças à análise de sequência de letras apresentadas no texto (anagramas). Ele abandona essas pesquisas quando descobre o mesmo procedimento na obra do poeta italiano Parodi, o qual, por sua vez, não responde às suas cartas.

O impacto do Curso não foi imediato. Por exemplo, em 1923, se o linguista americano L. Bloomfield redige uma resenha da segunda edição do Curso; por outro lado, em seu célebre manual (*Language*), de 1933, ele sequer faz uma citação ao genebrino. Evidentemente, Saussure é evocado nos principais escritos daqueles que renovam a linguística nos anos trinta (Escola de Praga, Escola de Copenhague); mas ele é somente uma fonte entre tantas outras. Em 1945, ainda, quando E. Cassirer publica, no primeiro volume da Revista *Word*, um artigo consagrado ao “Structuralism in modern linguistics”, ele não o cita senão rapidamente, entre quatro outros linguistas mais recentes (Brondal, Jakobson, Trubetzkoy e Meillet). Saussure

⁷ Le déterminant « le » renvoie à l'ouvrage en tant que tel, au livre; le titre choisi par les éditeurs, sans déterminant, ne précise donc pas s'il s'agit de l'exposé d'un ou plusieurs cours, voire d'un cours continu. [O determinante “o” remete à obra enquanto tal, ao livro; o título escolhido pelos editores, sem determinante, não especifica, pois trata-se da exposição de um ou mais cursos e mesmo de um curso contínuo.]

⁸ Voir J. Starobinski, *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, 1986. [Ver J. Starobinski, *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, 1986.]

célèbre ouvrage⁹ de V. N. Volochinov, *Marxisme et Philosophie du langage*, comme le principal initiateur d'un des deux courants de la linguistique, « l'objectivisme abstrait »¹⁰ ; l'auteur lui attribue (ainsi qu'à Bally et Sechehaye) une influence déterminante sur la linguistique russe de son époque. Après la seconde guerre mondiale, la réception, particulièrement en France ou en Italie (autour de T. de Mauro), devint massive. D'un côté, il s'agit d'une référence quasi-universelle, plus au moins bien informée. De l'autre, le texte fait l'objet d'exégèses sans fin, pas toujours désireuses de respecter la démarche philologique¹¹. L'utilisation des manuscrits (R. Godel, *Les sources manuscrites du CLG*, 1957), une solide édition critique due à R. Engler¹² (1967/68-1973), l'accès à de nouveaux manuscrits (repris dans *Écrits de linguistique générale*, 2002, par S. Bouquet et R. Engler) ont finalement conduit à faire admettre le fait que le *Cours* que nous connaissons a été l'objet d'un travail considérable des éditeurs et qu'il ne reflète guère la pensée complète et achevée de Saussure, si tant est qu'il en eût une. Le genevois s'y montre moins doctrinal et plus hésitant sur bien des points¹³. L'œuvre des deux éditeurs, assez extraordinaire quand on considère l'état des sources manuscrites, est universellement décriée ; on cherche à réconcilier les « deux Saussure » (l'homme des anagrammes et le comparatiste), voire à retrouver le « vrai Saussure » (*sic*) derrière la « falsification » du *Cours*, personnage

era, todavia, contestado, desde 1929, na célebre obra de V. N. Volochinov, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, como o principal iniciador de uma das duas correntes da linguística, “objetivismo abstrato”; este autor lhe atribui (assim como a Bally e a Sechehaye) uma influência determinante sobre a linguística russa de sua época. Após a segunda guerra mundial, a recepção, particularmente na França ou na Itália (no entorno de Tullio de Mauro), tornou-se massiva. De um lado, trata-se de uma referência quase universal, mais ou menos bem informada. De outro lado, o texto faz-se objeto de exegeses sem fim, nem sempre desejosas de respeitar a abordagem filológica. A utilização dos manuscrits (R. Godel, *Les sources manuscrites du CLG*, 1957), uma sólida edição crítica graças à R. Engler (1967/1968-1973), e o acesso a novos manuscrits (retomados nos *Écrits de Linguistique Générale*, 2002, por S. Bouquet e R. Engler) conduziram finalmente a admitir o fato de que o *Curso* que nós conhecemos foi objeto de um considerável trabalho dos editores e que ele nada reflete o pensamento completo e acabado de Saussure, se aí existe uma. O genebrino se mostra menos doutrinal e mais hesitante sobre muitos pontos. A obra desses dois editores, muito extraordinária quando consideramos o estado das fontes manuscritas, é universalmente descrita; buscamos reconciliar os “dois Saussure” (o homem dos anagramas e o comparatista),

⁹ A sua publicação (e até nos anos 70 na França) era atribuída à Bachkine. [Em sua publicação (e até nos anos 70 na França) era atribuído à Bakhtin.]

¹⁰ L'autre étant le « subjectivisme idéaliste » de l'allemand K. Vossler. [A outra sendo o “subjectivismo idealista” do alemão K. Vossler.]

¹¹ En 1980, R.-L. Wagner (un universitaire français de renom) n'hésite pas à écrire dans le premier numéro de la revue *Mots* qu'il « n'est pas sûr, à notre avis, qu'on agirait de manière utile en en procurant une édition critique (...) » (« Les désarrois du maître de Genève », p. 29). L'édition critique d'Engler a été publiée quelques douze années avant cet article. [Em 1980, R. L. Wagner (um universitário francês de renome) não vai hesitar em escrever, no primeiro número da revista *Mots*, que “não estava certo do nosso ponto de vista, que agiria de maneira útil, procurando uma edição crítica (...)” (“Les désarrois du maître de Genève”, p. 29). A edição crítica de Engler foi publicada 12 anos antes desse artigo.]

¹² On notera du même un très utile *Lexique de la terminologie saussurienne* (1968) qui fait appel aux sources manuscrites. Il a été peu utilisé par les critiques. [Salientamos nessa obra um útil *Léxico de la terminologie saussurienne* (1968), que encaminha para as fontes manuscritas. Foi pouco utilizado pelos críticos.]

¹³ On peut noter que ce sont, en général, ceux qui font difficulté aux interprètes. [Podemos notar que eles são, em geral, os que impõem dificuldades aos intérpretes.]

mythique dont on imagine qu'il ouvrira à celui qui le découvrira la possibilité d'être le fondateur de nouveaux développements scientifiques. Même si on s'est parfois attaché à explorer les antécédents¹⁴, le texte est rarement abordé dans son appartenance à une série de découvertes scientifiques, ce qui, après tout serait la démarche normale d'un historien des sciences ; il est, la plupart du temps, considéré comme un point de départ absolu, valant en soi et pour soi.

para procurar até encontrar o “verdadeiro Saussure” (sic) atrás da “falsificação” do Curso, personagem mítico, sobre o qual se imagina que abriria àquele que o descobrisse a possibilidade de ser o fundador dos novos desenvolvimentos científicos. Mesmo que, às vezes, nos detenhamos em explorar os antecedentes, o texto é raramente abordado em seu pertencimento a uma série de descobertas científicas, o que seria, após tudo, o percurso normal de um historiador da ciência; ele é, a maior parte do tempo, considerado como um ponto de partida absoluto, valendo em si e por si.

Entre un texte qui se dérobe et le recouvrement indéfini de commentaires péremptoirs, il est extrêmement difficile, aujourd'hui, d'écrire dix lignes ayant le sens commun sur Saussure. Dans ce qui suit, nous prendrons comme référence le texte canonique du *Cours* (c'est lui qui a été l'objet de la réception des structuralistes), en mettant en lumière les éléments centraux qui peuvent être considérés comme des découvertes; le recours aux manuscrits ne nous servira qu'à étayer la compréhension du texte. Je laisserai de côté la quatrième partie consacrée à la « géographie linguistique », ainsi que tout ce qui pourrait concerner la « phonologie »¹⁵.

Entre um texto que se desnuda e o recobrimento indefinido de comentários peremptórios, é extremamente difícil, hoje, escrever dez linhas tendo o sentido comum sobre Saussure. No que segue, nós tomamos como referência o texto canônico do Curso (é ele que foi objeto da recepção dos estruturalistas), jogando luz nos elementos centrais que podem ser considerados como descobertas; o recurso aos manuscritos nos servirá somente para clarear a compreensão do texto. Eu deixarei de lado a quarta parte consagrada à “geografia linguística”, assim como tudo aquilo que poderia concernir à “fonologia”.

3. La « langue

Après les remarques historiques auxquelles on a fait allusion, le *Cours*

3. A “língua”

Após os destaques históricos aos quais fizemos alusão, o Curso se abre sobre a

¹⁴ Cl. Normand Avant Saussure, 1978 ; voir également les travaux d'Engler, à la fin des années soixante-dix, consacrés au rôle des romanistes français dans l'élaboration de l'idée selon laquelle la langue n'est pas « une espèce naturelle » (il n'y a pas de frontière dialectale, les langues « filles » et les langues « mères » n'existent pas, il y a continuité). [Cl. Normand Avant Saussure, 1978; ver igualmente os trabalhos de Engler, ao final dos anos 70, consagrados ao papel dos romanistas franceses na elaboração de uma eidética segundo a qual a língua não é “uma espécie natural” (não há fronteira dialetal, as línguas “filhas” e as línguas “mães” não existem, o que há é continuidade).]

¹⁵ L'histoire de cette discipline est plus complexe. La pratique d'opposer des sons des contextes proches remonte au moins au 18^{ème} siècle pour le domaine français (différences spécifiques des classifications aristotéliennes) et la notion de « distinctivité » discutée dès la construction de l'APU dans les années 1880 (G. Paris). [A história dessa disciplina é muito complexa. A prática de opor os sons dos contextos próximos remonta ao menos ao século XVIII para o domínio francês (diferenças específicas de classificações aristotélicas), e a noção de “distintividade” tem sido discutida desde a construção da APU nos anos 1880 (G. Paris).]

s'ouvre sur la définition de l'objet de la linguistique, c'est-à-dire de *la langue*. Y répondront les dernières lignes si souvent citées de l'ouvrage (nous savons depuis Engler qu'elles sont apocryphes): *la linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même*. Mais que faut-il entendre par « langue »? Le texte nous dit qu'elle correspond au « point de vue du linguiste », formulation ambiguë qui pourrait suggérer une option « nominaliste » (qui était probablement celle des romanistes français), laquelle contredirait l'idée centrale selon laquelle la langue est une réalité sociale (collective) qui s'impose à tout individu, identique dans l'esprit de chacun d'entre eux¹⁶. Quelle que soit leur « réalité » ni les dialectes ni les langues n'ont de « limites naturelles ». *La langue* s'oppose à la *parole* qui est l'acte individuel qu'elle contraint. Elle n'est pas définie par les éléments qui la composeraient, elle est « un système où tout se tient ». Le temps n'en est pas une dimension, l'ensemble des éléments de la langue doivent être considérés comme essentiellement coexistant, ils forment ce que Saussure nomme une *synchronie*. Cela ne signifie pas que les phénomènes linguistiques ne sont pas affectés par le temps, mais s'ils le sont, c'est en tant qu'éléments individuels : dans l'histoire (la *diachronie*), il n'y a que des faits individuels, dans la langue il n'y a que le système. Le néogrammairien H. Paul considérerait que la science des langues se réduit à l'histoire des langues, pour Saussure, la linguistique est d'abord synchronique, elle est la science de la langue en tant que celle-ci n'est pas concernée par le temps¹⁷. Cela ne signifie pas que la langue ne soit pas affectée par la temporalité,

definição do objeto da linguística, isto é, a língua. Sobre isso responderão as últimas linhas tão frequentemente citadas da obra (nós sabemos desde Engler que elas são apócrifas): *a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*. Mas o que é necessário entender por “língua”? O texto nos diz que ela corresponde ao “ponto de vista do linguista”, formulação ambígua que poderia sugerir uma opção “nominalista” (que era provavelmente aquela dos romanistas franceses), a qual contradiria a ideia central, segundo a qual a língua é uma realidade social (coletiva) que se impõe a todo indivíduo idêntico no espírito de cada um dentre eles. Qualquer que seja a sua “realidade”, nem os dialetos nem as línguas têm “limites naturais”. A língua se opõe à fala, que, por sua vez, é o ato individual que ela contrai. Ela não é definida pelos elementos que a comporiam; ela é “um sistema onde tudo se sustenta”. O tempo não é uma dimensão, os elementos da língua em seu conjunto devem ser considerados como essencialmente coexistentes, pois eles formam o que Saussure nomeia uma sincronia. Isso não significa que os fenômenos linguísticos não sejam afetados pelo tempo, mas se eles o são, enquanto elementos individuais, na história (a diacronia), há somente fatos individuais; na língua, o sistema. O neogramático H. Paul considerava que a ciência das línguas se reduzia à história das línguas. Para Saussure, a linguística é, antes de qualquer coisa, sincrônica; ela é a ciência da língua enquanto essa não é considerada pelo tempo. Isso não significa que a língua não seja afetada pela temporalidade, pois a imobilidade absoluta não existe, mas, ao final de um certo tempo a língua “não será

¹⁶ *Il s'ensuit que le schéma de communication (qui unit le locuteur et l'auditeur, voir p. 28) est totalement réversible. Saussure ne s'attarde pas sur ce point. Il est pourtant essentiel : l'irréversibilité détruirait le concept de langue.* [Daí que o esquema de comunicação (que une o locutor e o ouvinte, ver p. 28) é totalmente reversível. Saussure não se detém sobre este ponto. Ele é, entretanto, essencial: a irreversibilidade destruiria o conceito de língua.]

¹⁷ « *La linguistique diachronique étudie, non plus les rapports entre termes coexistants d'un état de langue, mais entre termes successifs qui se substituent les uns aux autres dans le temps* » (p. 193). *La coexistence est aperçue par la même conscience collective ; tandis que la successivité ne l'est pas* (p. 140). [“A linguística diacrônica estuda, não mais as relações entre termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo” (p. 193). A coexistência é percebida pela mesma consciência coletiva; enquanto que a sucessão não o é (p. 140).]

puisque l'immobilité absolue n'existe pas, mais qu'au bout d'un certain temps la langue « ne sera plus identique à elle-même » (p. 273)¹⁸. Ce qui intéresse le linguiste de la synchronie, c'est la langue en tant qu'elle est identique à elle-même. Il s'agit là d'une redéfinition du champ d'objet. La définition de l'objet lui-même peut être considérée comme une innovation. Qu'elle soit une invention dépend uniquement de la reprise par l'état ultérieur de la discipline. On sait aujourd'hui qu'elle n'est pas unanime, mais qu'il s'agit de l'innovation la plus originale du genevois.

4. Synchronie/diachronie

Le rapport entre synchronie et diachronie est difficile à formuler et il a fait couler beaucoup d'encre. Saussure lui-même l'abordait à l'aide de trois analogies. La première est géométrique : un état de langue est comme la projection de la réalité historique à un moment donné. La seconde est biologique : la synchronie est comme la coupe horizontale d'un tronc d'arbre, la diachronie comme la coupe verticale. La troisième (la plus célèbre) est empruntée au jeu d'échec : la synchronie est comme la disposition des pions à un moment donné sur l'échiquier, la diachronie comme la suite des dispositions qui dépendent des déplacements successifs des pions, au coup par coup. Il n'est pas évident que ces analogies soient totalement adéquates (ainsi, le joueur d'échec prémédite ses coups, alors qu'il n'y a pas de finalité dans la langue), ni qu'elles soient équivalentes entre elles.

Le plus important est de comprendre ce qu'il faut entendre par « système » (le terme de « structure » ne fait pas partie du

mais idêntica a ela mesma" (p. 273). O que interessa aos linguistas da sincronia é que a língua enquanto tal é idêntica a si mesma. Trata-se de uma redefinição do campo do objeto. A definição do objeto ele mesmo pode ser considerada como uma inovação. Qualquer que seja uma invenção, ela depende unicamente da retomada pelo seu estado posterior da disciplina. Sabemos hoje que ela não é unânime, mas que se trata da inovação, a mais original inovação do referido linguista.

4. Sincronia/Diacronia

A relação entre sincronia e diacronia é difícil de ser formulada e gastou-se muita tinta. Saussure a abordava com a ajuda de três analogias. A primeira é geométrica: um estado de língua é como a projeção da realidade histórica em um momento dado. A segunda é biológica: a sincronia é como o corte horizontal de um tronco de árvore, a diacronia como o corte vertical. A terceira (a mais célebre) é tomada emprestada do jogo de xadrez: a sincronia é como a disposição de peões em um dado momento sobre o tabuleiro. A diacronia é como uma sequência de disposições que dependem dos deslocamentos de peões, a cada lance. Não é evidente que essas analogias sejam totalmente adequadas (assim, o jogador de xadrez premedita seus lances, enquanto não há finalidade na língua), nem que elas sejam equivalentes entre elas.

O mais importante é compreender o que é necessário entender por "sistema" (o termo "estrutura" não faz parte do vocabulário saussuriano específico). O mais simples é evidentemente se referir ao

¹⁸ Dans l'édition critique d'Engler (fasc. 3, p. 453) cette expression très abstraite, retenue par les éditeurs, figure dans trois sources sur quatre, il est donc peu probable qu'elle soit une pure invention des étudiants. Pour un développement de ce thème de l'identité à soi comme définition de la langue, on peut se reporter au début de J.-C. Milner, *L'amour de la langue*, Paris, Le Seuil, 1978. [Na edição crítica de Engler (fasc. 3, p; 453), essa expressão muito abstrata, retida pelos editores, figura em três fontes sobre quatro, e por isso, é pouco provável que ela seja uma pura invenção dos estudantes. Para um desenvolvimento deste tema da identidade em si como definição da língua, podemos nos reportar ao início de J. -C. Milner, *L'amour de la langue*, Paris, Le Seuil, 1978.]

vocabulaire saussurien spécifique¹⁹). Le plus simple est évidemment de se référer au fonctionnement linguistique lui-même. Le déroulement de la parole (l'axe *syntagmatique*) fait apparaître des solidarités ; mais chacun des éléments de cet axe appartient lui-même à des séries « *paradigmatiques* ». Ainsi « défaire » peut se décomposer syntagmatiquement comme « dé-faire » ; mais il appartient également à d'autres séries « décoller, déplacer, découdre, etc. », « faire, refaire, contrefaire, etc. ».

Il est difficile de dire que le paradigme est une « invention ». Les historiens modernes des sciences du langage font remonter ces disciplines à l'apparition de paradigmes dans des bilingues sumérien/akkadien au tournant des III^e et 2nd millénaires avant notre ère. Leur apparition est liée à l'utilisation de l'écriture. Ce qui est une innovation, c'est d'intégrer au fonctionnement de la langue la dualité des axes. C'est devenu un point commun des sciences du langage.

5. Le signe linguistique

Toutefois, c'est par une démarche plus originale que Saussure assume la nouveauté de sa notion de système, en la faisant correspondre à une redéfinition de la notion de « signe linguistique ». Ce n'est qu'à l'époque moderne (voir, par exemple, la *Logique* de Port-Royal, 1661) que le signe linguistique a été intégré à un concept général de « signe ». Dans l'Antiquité, le mot était pour Aristote un *symbolon*, élément sonore arbitraire relié conventionnellement à un concept (les langues sont diverses, mais les concepts sont universaux) ; tandis que le signe (*sêmeion*) avait un lien, de nature le plus souvent causale, avec ce qu'il signifiait (la trace pour le gibier, la fumée pour le feu, etc.). Saussure invoque une « science future » des signes, ou *sémiologie*, qui « étudierait la vie

fonctionnement linguístico por ele mesmo. O desenrolar da fala (o eixo sintagmático) faz aparecer solidariedades; mas, cada um dos elementos desse eixo pertence a séries “paradigmáticas”. Assim, “desfazer” pode-se decompor sintagmaticamente como “des-fazer”; mas ele pertence igualmente a outras séries “descolar”, “deslocar”, “descosturar, etc”, “fazer, refazer, contrafazer etc”.

É difícil dizer que o paradigma é uma “invenção”. Para os historiadores modernos das ciências da linguagem, estas disciplinas remontam ao aparecimento de paradigmas nos bilingues sumérios/acadianos em torno do terceiro e do segundo milênio antes da nossa era. Seu aparecimento está ligado à utilização da escrita. O que é uma inovação é integrar ao funcionamento da língua a dualidade dos eixos. Tornou-se um ponto comum das ciências da linguagem.

5. O signo linguístico

Todavia, é por uma abordagem mais original que Saussure assume a novidade de sua noção de sistema, fazendo-a corresponder a uma redefinição da noção de “signo linguístico”. É somente na época moderna (ver, por exemplo, *La logique*, de Port Royal, 1661) que o signo linguístico foi integrado a um conceito geral de “signo”. Na Antiguidade, a palavra era, para Aristóteles, um *symbolon*, elemento sonoro arbitrário, religado convencionalmente a um conceito (as línguas são diversas, mas os conceitos são universais), ao passo que o signo (*sêmeion*) tinha um laço, de natureza mais frequentemente causal, com o que ele significava (o rastro para a caça, a fumaça para o fogo, etc.). Saussure invoca uma “ciência futura” dos signos, ou semiologia, que “estudaria a vida dos signos no seio da

¹⁹ Evidemment, le mot est présent dans le texte avec son sens courant (*architectonique*) ; voir le *Lexique d'Engler*. [Evidentemente, a palavra está presente no texto com seu sentido corrente (arquitetônico); ver o *Lexique d'Engler*.]

des signes au sein de la vie sociale » et dont la linguistique ferait partie. Ce thème aura des conséquences majeures pour le structuralisme. Pour concevoir le statut de la sémiologie, on peut se référer, en suivant une initiative des éditeurs, à l'analogie du jeu d'échec. On a vu l'état de l'échiquier correspondre à la synchronie et son réaménagement à la suite de chaque coup, à la diachronie ; les coups, comme les états successifs, sont régis par les règles du jeu, analogues aux « principes constants de la sémiologie » (p. 126)²⁰.

Si la linguistique n'est qu'une partie de la future sémiologie, elle est la seule que Saussure ait développée. Si toute théorie du signe est une représentation de la relation entre le *designans* et le *designatum*, on entend communément par « signe » le *designans* ; le *designatum* devient la chose signifiée²¹. Dans le *Cours*, l'exposé de cette théorie a surtout pour fonction de présenter, par contraste, celle du genevois; il considère que par nature, le signe est une dualité : « Le signe linguistique unit non une chose et un nom, mais un concept et une image acoustique ». Pour désigner chacun d'entre eux, il forge les néologismes de *signifié* et de *signifiant*, opposant, comme la tradition, le participe présent actif et le participe passé passif, ce qui ne sera probablement pas sans conséquence sur la prééminence que certains partisans du structuralisme accorderont au signifiant (en représentant le signe sous la forme Sa/Sé). En tout état de cause, la représentation

vida social” e da qual a linguística fará parte. Esse tema terá consequências maiores para o estruturalismo. Para conceber o estatuto da semiologia, podemos nos referir, seguindo uma iniciativa dos editores, à analogia do jogo de xadrez. Vimos o estado do tabuleiro de xadrez corresponder à sincronia e à sua reorganização, seguida de cada jogada, à diacronia; as jogadas, como os estados sucessivos, são regidas por regras do jogo, análogas aos “princípios constantes da semiologia” (p. 126).

Se a linguística é somente uma parte da futura semiologia, ela é a única que Saussure desenvolveu. Se toda teoria do signo é uma representação da relação entre o *designans* e o *designatum*, entendemos comumente por “signo” o *designans*; o *designatum* torna-se a coisa significada. No *Curso*, essa teoria tem, sobretudo, por função, apresentar então, por contraste, a (teoria) do genebrino; ele considera que, por natureza, o signo é uma dualidade: “O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica”. Para designar cada um dentre eles, ele forja os neologismos de *significado* e *significante*, opondo, como a tradição, o particípio presente ativo e o particípio passado passivo, o que não será provavelmente sem consequência sobre a proeminência que alguns partidários do estruturalismo acordaram ao significante (representando o signo sobre a forma Sa/Sé). De todo modo, a representação canônica do signo é aquela de uma unidade (mental) em dupla face: Sé/Sa.

²⁰ *Ce passage semble être une extrapolation des éditeurs. Il ne figure dans aucun des cahiers de notes des étudiants, qui ont tous seulement noté que le système dont dépendent les valeurs est tout le temps momentané.* [Esta passagem parece ser uma extrapolação dos editores. Ela não aparece em nenhum dos cadernos de notas dos estudantes, os quais tinham todos somente observado que o sistema de cujos valores dependem é o tempo todo momentâneo.]

²¹ *A notre connaissance, on ne rencontre que très rarement ce genre de conception (principalement chez les pédagogues du 17^{ème} siècle, qui, comme Comenius, introduisent au multilinguisme à l'aide de petits dessins des objets). En général, les grammairiens et les logiciens, depuis Aristote, utilisent trois termes : le son, l'idée (le concept) et la chose. Nous y reviendrons.* [A nosso conhecimento, só é encontrado muito raramente este gênero de concepção (principalmente nos pedagogos do século XVII, que, como Comenius, introduzem o multilinguismo com a ajuda de pequenos desenhos dos objetos). Em geral, os gramáticos e os lógicos, desde Aristóteles, utilizam três termos: o som, a ideia (o conceito) e a coisa. Nós retornaremos a isso.]

canonique du signe est celle d'une unité (mentale) à double face : Sé/Sa²².

On pourrait s'étonner de ce que dans ce schéma disparaisse ce à propos de quoi nous utilisons le langage, à savoir les objets du monde. Ce n'est pas que le genevois ignore la question. Il l'a évoquée sous le nom d'*onymique*²³ ; pour lui, il s'agit d'un cas particulier dans la sémiologie, où il existe un troisième terme dans la constitution psychologique du signe (des mots comme arbre, cheval, etc.) et « la conscience qu'il s'applique à un être extérieur (...) assez défini en lui-même pour échapper à la loi générale du signe ». Autrement dit, Saussure choisit explicitement de rejeter toute situation où les mots font fonction de simples étiquettes pour les choses externes.

C'est une position remarquable, mais ce n'est pas un choix original. Le *Dictionnaire de l'Académie* (1696) l'avait déjà fait en laissant au *Dictionnaire* de Thomas Corneille, qui paraît la même année, tous les termes techniques et de métiers et en ne retenant que les termes de la « langue commune » qui s'entre-définissent entre eux. Pendant deux siècles les dictionnaires de synonymes ont fait constamment le même choix. Le « culot » théorique de Saussure n'est pas d'entériner ce rejet, dont il ignore probablement les racines historiques, mais de considérer que le recours à l'objet externe n'appartient tout simplement pas à la théorie du signe

Poderíamos nos surpreender com o que desaparece nesse esquema: aquilo a propósito do que nós utilizamos a linguagem, a saber, os objetos do mundo. Mas não significa que o genebrino ignore a questão. Ele a evocou sob o nome de *Onymique*⁴⁸. Para ele, trata-se de um caso particular na semiologia, onde existe um terceiro termo na constituição psicológica do signo (das palavras como árvore, cavalo, etc) e “a consciência que ele se aplica a um ser exterior (...) bem definido em si mesmo para escapar à lei geral do signo”. Dito de outro modo, Saussure escolheu explicitamente rejeitar toda situação onde as palavras fazem função de simples etiquetas para as coisas externas.

Essa é uma posição notável, mas não é uma escolha original. O *Dictionnaire de l'Académie* (1696) já o tinha feito, deixando ao dicionário de Thomas Corneille, que é publicado no mesmo ano, todos os termos técnicos e de profissões, retendo somente os termos da “língua comum” que se entre-definem entre eles. Durante dois séculos, os dicionários de sinônimos fizeram constantemente a mesma escolha. A “audácia” teórica de Saussure consiste em não ratificar essa rejeição, da qual provavelmente ignora as raízes históricas, mas em considerar que o recurso ao objeto externo não pertence simplesmente à teoria do signo linguístico. Na edição do Curso (e

²² *La nature de cette barre qui sépare le Sé et le Sa sera l'objet de multiples discussions par les commentateurs. Il semble que Saussure lui-même ait hésité sur la question. Dans le Fonds BPU 1996, il y a bien une barre (Bouquet et Engler 2002, p. 95) ; dans des notes sur la linguistique générale (Engler fac. 4, item, 3310.5, p. 36 ; Bouquet et Engler, 2002, p. 103), l'auteur, pour représenter le signe, utilise un rectangle dont la diagonale correspond à la barre ; il refuse explicitement une ligne continue pour cette diagonale (même si elle apparaît dans d'autres occurrences), au profit d'une ligne pointillée. Les éditeurs du Cours l'ont agrémenté de nombreux schémas qui ne figurent apparemment pas dans toutes les prises de notes des étudiants. [A natureza da barra que separa o Sé e o Sa será o objeto de múltiplas discussões pelos comentadores. Parece que o próprio Saussure hesitou sobre a questão. No Fundo BPU 1996, há uma barra (Bouquet e Engler, 2002, p.95); nas notas sobre a linguística geral (Engler fac. 4, item, 3310.5, p. 36; Bouquet e Engler, 2002, p. 103), o autor, para representar o signo, utiliza um retângulo, do qual a diagonal corresponde à barra; ele recusa explicitamente uma linha contínua para esta diagonal (mesmo se ela aparece em outras ocorrências), ao proveito de uma linha pontilhada. Os editores do Cours adornaram numerosos esquemas que não figuram aparentemente em todas as notas tomadas pelos estudantes.]*

²³ Voir Engler, *Lexique. Egalement*, Engler fasc. 4, item 3312.1, p. 36 et Bouquet et Engler, p. 106.

⁴⁸ Ver Engler, *Lexique*. Igualmente, Engler fasc. 4, item 3312.1, p. 36 e Bouquet e Engler, p. 106.

linguistique. Dans l'édition du *Cours* (et dans trois cahiers de notes), où nous trouvons plusieurs petits dessins représentant un arbre ou un cheval, ils ne sont utilisés *que* pour refuser le caractère primordial de la conception traditionnelle de l'arbitraire (absence de lien naturel entre le nom et la chose).

La première partie du *Cours* s'ouvre sur un premier chapitre consacré à la nature du signe linguistique. Cette nature est régie par deux principes, l'arbitraire du signe et le caractère linéaire du signifiant. Pour Saussure, le second, quoiqu'il puisse paraître évident, est aussi important que le premier : tout le mécanisme de la langue en dépend. L'organisation syntagmatique, en effet, vient de ce que les éléments ne disposant que de la ligne du temps, ils se présentent l'un après l'autre et forment une chaîne. C'était clairement admettre le primat vocal dans l'existence et l'analyse du phénomène linguistique, une attitude que Derrida critiquera sous le nom général de « logocentrisme ».

L'arbitraire du signe est une question philosophique ancienne et difficile. Il n'y a pas véritablement une seule façon de le formuler. Saussure en rejette explicitement plusieurs²⁴ ; sa conception complexe est une innovation et sans elle ce qu'il entend par « langue » est inconcevable.

nos três cadernos de notas), onde nós encontramos vários pequenos desenhos representando uma árvore ou um cavalo, observamos que eles são utilizados somente para refutar o caráter primordial da concepção tradicional do arbitrário (ausência de laço natural entre o nome e a coisa).

A primeira parte do Curso abre-se sobre um pequeno capítulo consagrado à natureza do signo linguístico. Tal natureza é regida por dois princípios, o arbitrário do signo e o caráter linear do significante. Para Saussure, o segundo, embora possa parecer evidente, é tão importante quanto o primeiro: todo mecanismo da língua depende disso. A organização sintagmática, na verdade, vem do que os elementos dispõem somente da linha do tempo, eles se apresentam um após o outro e formam uma cadeia. Isso é admitir claramente a primazia vocal na existência e na análise do fenômeno linguístico, uma atitude que Derrida vai criticar sobre o nome geral de “logocentrismo”.

O arbitrário do signo é uma questão filosófica antiga e difícil. Não há verdadeiramente uma única maneira de formulá-la. Saussure rejeita explicitamente várias; sua concepção complexa é uma inovação e, sem ela, o que ele entende por “língua” é inconcebível.

²⁴ *Essentiellement trois. La première est celle de la convention ; la seconde est celle de la liberté individuelle (arbitre) dans l'assignation des significations. Pour lui la langue est toujours, en quelque sorte déjà-là vis-à-vis de l'activité du sujet parlant (caractère social de la langue). La troisième est celle de la non-motivation (l'anomalie des contemporains du grammairien latin Varon) : comme les signes linguistiques forment système, il y a des analogies (par exemple lors de la dérivation) des uns aux autres : « dé-faire », n'est pas isolé, il appartient à des groupes d'éléments (re-faire, dé-construire, etc.). De droit, le système fait que le mot peut être n'importe quoi, à l'intérieur du système n'importe quoi n'apparaît généralement pas, justement parce qu'il y a système.* [Essencialmente três. A primeira é aquela da convenção; a segunda é aquela da liberdade individual (arbitrária) na atribuição das significações. Para ele, a língua é sempre, de alguma forma já-lá com relação à atividade do sujeito falante (caráter social da língua). A terceira é aquela da não-motivação (anomalia dos contemporâneos do gramático latino Varon): como os signos linguísticos formam sistema, há analogias (por exemplo, quando da derivação) de uns aos outros: “des-fazer,” não é isolado, pertence a grupos de elementos (re-fazer, des-construir, etc.). De direito, o sistema faz com que a palavra possa ser não importa o quê, mas no interior do sistema esse “não importa o quê” não aparece geralmente, justamente porque há sistema.]

6. La valeur linguistique

Le signe étant composé d'un signifiant et d'un signifié, l'arbitraire concerne leur relation. Remarquons d'abord qu'ils sont, chacun en leur ordre, décomposables en unités. Une première thèse de Saussure consiste à soutenir que toute décomposition de l'un est une décomposition de l'autre²⁵. Signifiant et signifié sont comme les deux faces d'une même feuille de papier, si l'on découpe le papier, on découpe pareillement les deux faces²⁶: « dans la langue on ne saurait isoler ni le son de la pensée, ni la pensée du son ». Cette « symétrie de coupe » possède évidemment des conséquences pour la conception de chacun des éléments : ou bien elle résulte d'une harmonie (d'un équilibre) entre les deux qui préexistent d'une certaine façon chacun en son ordre ou bien c'est elle qui détermine les éléments. D'une façon assez inouïe, sinon Saussure du moins ses éditeurs, ont

6. O valor linguístico

Os signos sendo compostos de um significante e de um significado: o arbitrário concerne a essa relação. Destacamos, antes de qualquer coisa, que eles são, cada um em sua ordem, decompostos em unidades. Uma primeira tese de Saussure consiste em defender que toda decomposição de um é uma decomposição do outro⁴⁹. Significante e significado são como as duas faces de uma mesma folha de papel, se cortamos o papel, cortamos igualmente as duas faces: “na língua não saberíamos isolar nem o som do pensamento, nem o pensamento do som”. Essa “simetria do corte” possui evidentemente consequências para a concepção de cada um dos elementos: ou ele resulta de uma harmonia (de um equilíbrio) entre os dois que preexistem, de uma certa maneira, cada um em sua ordem, ou ainda é ela que determina os elementos. De uma maneira muito surpreendente, se não Saussure, ao menos seus seguidores

²⁵ A. Martinet (*Eléments de linguistique générale*, 1967) donnera à cette « symétrie de coupe » le nom de « première articulation » du langage ; il définit une « seconde articulation » qui concerne la décomposition du signifiant en unités distinctives (il est lui-même un continuateur inventif de la phonologie pragoise, que ne pouvait connaître Saussure). La « double articulation » serait une propriété différentielle du langage humain.

²⁶ On devrait en déduire le caractère linéaire du signifié. Comme le font remarquer certains commentateurs (M. Arrivé, *À la recherche de Ferdinand de Saussure*, 2007, p. 46 ; L.-J. Calvet, *Le jeu du signe*, 2010, p. 145) il est assez étrange que le genevois réserve son principe de linéarité au seul signifiant. L'unique hypothèse que l'on puisse faire est que cette contrainte matérielle imposée au signifiant s'impose aussi au signifié ; toutefois, si l'on décompose le « sens » en différentes paraphrases (après tout, on n'a pas d'autre moyen de le « saisir »), cela est manifestement faux. Le problème vient sans doute d'avoir conçu le signifié ou le concept comme une « partie » de la « pensée », une conception psychologique très datée qui n'est plus vraiment la nôtre. [Deveríamos deduzir o critério linear do significado. Como mostram alguns comentadores (M. Arrivé, *À la recherche de Ferdinand de Saussure*, 2007, p. 46; L.-J. Calvet, *Le Jeu du Signe*, 2010, p. 145) é muito estranho que o genebrino reserve seu princípio de linearidade somente ao significante. A única hipótese que podemos fazer é que esta limitação material imposta ao significante se impõe também ao significado; todavia, se decomposmos o “sentido” em diferentes paráfrases (depois de tudo, não temos outro meio de “apreendê-lo”), isto é manifestadamente falso. O problema vem sem dúvida de ter concebido o significado ou o conceito como uma “parte” do “pensamento”, uma concepção psicológica muito datada que não é mais verdadeiramente a nossa.]

⁴⁹ A. Martinet (*Eléments de Linguistique Générale*, 1967) dará a esta “simetria do corte” o nome de “primeira articulação” da linguagem; ele define uma “segunda articulação” que concerne à decomposição do significante em unidades distintas (é ele mesmo um continuador inventivo da fonologia de Praga, que não poderia conhecer Saussure). A “dupla articulação” seria uma propriedade diferencial da linguagem humana.

choisi la seconde branche de l'alternative²⁷ ; il en résulte qu'avant leur association signifié et signifiant n'ont pas d'existence déterminée :

Il n'y a (...) ni matérialisation des pensées, ni spiritualisation des sons, mais il s'agit de ce fait en quelque sorte mystérieux, que la « pensée-son » implique des divisions et que la langue élabore ses unités en se constituant entre deux masses amorphes (p. 155).

Ainsi s'explique que « Le lien unissant le signifiant au signifié est arbitraire : « l'idée de « sœur » n'est liée par aucun rapport intérieur avec la suite de sons s-ø-r qui lui sert de signifiant » (p. 100). Ce phénomène ne peut être intégralement compris sans le recours à cet « arbitraire latéral » qui sous-tend la conception proprement saussurienne de la notion de « valeur ». Il n'y a pas de signe isolé, ce qui délimite un signe ce sont d'autres signes

escolheram a segunda alternativa⁵⁰; resulta que, antes de sua associação, significado e significante não têm existência determinada:

Não há (...) nem materialização dos pensamentos, nem espiritualização dos sons, mas se trata do que os faz de certa forma misteriosos, que o “pensamento-son” implica divisões e que a língua elabora suas unidades se constituindo entre duas massas amorfas (p. 155).

Assim se explica que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário: “a ideia de ‘irmã’ (soeur) não está ligada por nenhuma relação interior com a sequência de sons i-r-m-ã que lhe serve de significante” (p. 100). Esse fenômeno não pode ser integralmente compreendido sem o recurso a este “arbitrário lateral” que subentende a concepção propriamente saussuriana da noção de “valor”. Não há signo isolado, o que delimita um signo são

²⁷ Le texte de la p. 156 que nous citons résulte d'un forçage des éditeurs entre des sources assez disparates. Les quatre sources que présentent Engler notent i) que la pensée est de nature chaotique, ii) que les sons du langage ne représentent pas un moule préexistant. L'exemple que donnent les éditeurs (le contact entre une surface d'eau et une masse d'air, les vagues représentant les unités) figure bien dans les sources, avec des représentations imagées différentes selon chacune: on a bien dans tous les cas deux volumes qui se rencontrent sur le plan horizontal et des barres verticales qui figurent la séparation des unités lors de ces rencontres, mais dans l'une des sources le volume supérieur (la pensée) possède des divisions propres qui ne sont pas respectées par ces barres. Par ailleurs, dans aucune des sources, le qualificatif « amorphe » ne concerne la pensée, comme dans notre citation, mais survient dans la comparaison et concerne essentiellement l'eau et l'air (l'une des sources l'attribue toutefois à « cette chaîne phonique qui est en elle-même amorphe »). Enfin, dans le Fonds BPU 1996, on trouve une étrange remarque (non datée, mais que l'on peut supposer antérieure aux cours oraux) : « Mais ce système <de la langue> consiste en une différence confuse d'idées courant sur la surface d'une différence [] de formes, sans que jamais peut-être une différence du premier ordre corresponde exactement à une différence du second, ni qu'une différence du second corresponde à une [] » (Bouquet et Engler, p. 82).

⁵⁰ O texto da p. 156 que nós citamos resulta de um exagero dos editores entre as fontes muito díspares. As quatro fontes apresentadas por Engler notam: a) que o pensamento é de natureza caótica; b) que os sons da linguagem não representam uma forma pré-existente. O exemplo que os editores dão (o contato entre uma superfície de água e uma massa de ar, as ondas representam as unidades) figura bem nas fontes, com representações imagéticas diferentes segundo cada uma: temos em todos os casos dois volumes que se encontram sobre o plano horizontal e as barras verticais que figuram a separação das unidades quando essas se encontram, mas em uma das fontes o volume superior (o pensamento) possui divisões próprias que não são respeitadas por essas barras. Aliás, em nenhuma das fontes, o qualificativo “amorfo” não concerne ao pensamento, como na nossa citação, mas se sobressai na comparação e concerne essencialmente à água e ao ar (uma das fontes atribui, todavia, à “este cadeia fônica que é ele própria amorfa”). Enfim, no fundo BPU 196, encontramos um estranho destaque (não datado, mas que podemos supor anteriormente aos cursos): “mas esses sistemas <da língua> consiste em uma diferença confusa de ideias correntes sobre a superfície de uma diferença [] de formas, sem que jamais possa ser uma diferença de primeira ordem corresponde exatamente a uma diferença do segundo, assim como uma diferença do segundo corresponde a primeira []” (Bouquet e Engler, p. 82).

appartenant au même système. Par conséquent deux signes entourés d'éléments différents ne sauraient avoir le même signifié :

le français *mouton* peut avoir la même signification que l'anglais *sheep*, mais non la même *valeur*, et cela pour plusieurs raisons, en particulier parce qu'en parlant d'une pièce de viande apprêtée et servie à table, l'anglais dit *mutton* et non pas *sheep*. La différence de valeur entre *sheep* et *mouton* tient à ce que le premier a à côté de lui un second terme, ce qui n'est pas le cas pour le mot français. Dans l'intérieur d'une même langue, tous les mots qui expriment des idées voisines se limitent réciproquement ; des synonymes comme *redouter*, *craindre*, *avoir peur* n'ont de valeur propre que par leur opposition; si *redouter* n'existait pas tout son contenu irait à ses concurrents (p. 160)²⁸.

L'originalité de Saussure ne consiste pas simplement à reprendre l'héritage, maintenant bien connu, des synonymistes français²⁹ y compris dans ses exemples canoniques et à l'étendre à toutes les unités linguistiques, mais à admettre que la valeur d'un signe c'est sa réalité, et que cette réalité est de nature oppositive et différentielle : « jamais un fragment de langue ne pourra

os outros signos pertencentes ao mesmo sistema. Por consequência, dois signos cercados de elementos diferentes não teriam o mesmo significado:

o francês *mouton* pode ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, e isto por várias razões, em particular porque falando de uma peça de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* leva em conta que o primeiro tem, ao lado dele, um segundo termo, o que não é o caso para o francês.

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente; sinônimos como *temer*, *recear*, *ter medo* não tem valor próprio senão por sua oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para seus concorrentes (p. 160)

A originalidade de Saussure não consiste simplesmente em retomar a herança, agora bem conhecida, dos sinonimistas franceses compreendidos em seus exemplos canônicos e a estendê-la a todas as unidades linguísticas, mas em admitir que o valor de um signo é sua realidade, e que essa realidade é de natureza opositiva e diferencial: “jamais um

²⁸ Cette série de synonymes figure dans à peu près tous les dictionnaires depuis l'abbé Girard (1718). Quant à l'idée que des mots étrangers introduits dans une langue finissent par se distinguer des mots autochtones par des nuances, c'est un classique largement développé par les synonymistes de Guizot à Lafaye, en passant par les sémanticiens comme Bréal (qui lui donne le nom de « loi de répartition »). Les langues utilisées sont très diverses (y compris le latin). La série anglaise développée dans le texte de Saussure est bien connue. On la retrouve notamment dans la *Sémantique Intégrale* de R. de la Grasserie (un compilateur pas très original) en 1908 pp. 107 et 264. [Esta série de sinônimos figura em quase todos os dicionários desde o abade Girard (1718). Quanto à ideia que palavras estranhas introduzidas a uma língua terminam por se distinguir de palavras autóctones por suas nuances, é um clássico desenvolvido pelos sinonimistas de Guizot à Lafaye, passando pelos semanticistas como Bréal (que lhe dá o nome de “Lei de repartição”). As línguas utilizadas são muito diversas (compreendem o latim). A série inglesa desenvolvida no texto de Saussure é bem conhecida. Nós a encontramos principalmente em a *Sémantique Intégrale* de R. de la Grasserie (um compilador não muito original) em 1908, pp. 107 e 264.]

²⁹ S. Auroux, 1985, « Deux hypothèses sur la conception saussurienne de la valeur linguistique », *Travaux de linguistique et de littérature*, XXII-1. Notons que la théorie de la synonymie « oppositive » remonte au sophiste grec Prodicus de Keos, bien connu de Platon. [S. Auroux, 1985, “Deux hypothèses sur la conception saussurienne de la valeur linguistique”, *Travaux de linguistique et de littérature*, XXII-1. Notamos que a teoria da sinonímia “opositiva” remonta ao sofista grego Prodicus de keos, bem conhecido de Platão.]

être fondé, en dernière analyse, sur autre chose que sa non-coïncidence avec le reste³⁰ » (p. 163). « Arbitraire et différentiel sont deux qualités corrélatives³¹ ». « Il y a des langues où il est impossible de dire s'asseoir au soleil » (p. 161). La notion de valeur est incontestablement une invention qui s'inscrit dans une série traitant d'un noyau de rationalité bien connu (la synonymie), mais qui en transforme totalement la portée, en le remaniant profondément.

On peut mesurer la portée de cette invention en analysant l'erreur d'un commentateur. Dans un article³² assez confus, maintes fois cité et commenté, E. Benveniste croit voir une contradiction dans l'analyse saussurienne: le rapport entre signifié et signifiant (« sœur » et s-ø-r) ne serait pas arbitraire mais nécessaire, puisque le concept est forcément identique dans ma conscience à la suite phonique; par conséquent, l'arbitraire ne pourrait être affirmé qu'en recourant subrepticement à la « chose ». Il s'agit d'un véritable contresens³³ qui peut nous faire comprendre la profondeur de l'innovation. Le signifié « sœur » n'est pas donné une fois pour toutes; s'il apparaissait un mot comme t-a-s-o pour signifier exclusivement la « sœur-de-la-mère », il découle des principes que le

fragmento de língua poderia ser fundado, em última análise, sobre outra coisa que sua não coincidência com o resto” (p. 163). “Arbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas”. “Há línguas em que é possível dizer sentar-se ao sol” (p. 161). A noção de valor é incontestavelmente uma invenção que se inscreve em uma série ao tratar de um núcleo de racionalidade bem conhecida (a sinonímia), mas é uma noção que não só transforma totalmente esse alcance, como também remodela-o profundamente.

Podemos medir o alcance dessa invenção analisando o erro de um comentador. Em um artigo muito confuso, muitas vezes citado e comentado, E. Benveniste acredita ver uma contradição na análise saussuriana: a relação entre significado e significante (“irmã” e i-r-m-ã) não seria arbitrária, mas necessária, pois o conceito é forçosamente idêntico na minha consciência à sequência fônica; por consequência, o arbitrário poderia ser afirmado somente recorrendo subrepticamente à “coisa”. Trata-se de um verdadeiro contrassenso⁵¹ que pode nos fazer compreender a profundidade da inovação. O significado “irmã” não é dado; se aparecesse uma palavra como t-a-s-o para significar exclusivamente “irmã-da-mãe”, ela decorre de princípios pelos quais o

³⁰ *Heureuse formule que reprennent les éditeurs et qui n'a été notée que par une seule des quatre sources.* [Fórmula feliz que retomam os editores e que foi somente anotada por uma das quatro fontes.]

³¹ *La formule, encore une fois, provient des éditeurs. Deux des sources, présentent un texte peut-être plus clair: « Si le signe n'était pas arbitraire, on ne pourrait dire qu'il n'y a dans la langue que des différences ».* [A fórmula, ainda uma vez, provém dos editores. Duas das fontes apresentam um texto talvez mais claro: “Si le signe n'était pas arbitraire, on ne pourrait dire qu'il n'y a dans la langue que des différences ».]

³² « *Nature du signe linguistique* », 1939, *Acta Linguistica I, Copenhague*; repris dans *Problèmes de linguistique générale*, 1967, chap. IV. [“*Nature du signe linguistique*”, 1939, *Acta Linguistica I, Copenhague*; retomado em *Problèmes de linguistique générale*, 1967, chap. IV.]

³³ *Il faut avouer que Benveniste est aidé par une formulation malheureuse de Saussure (elle figure dans plusieurs des sources): « le signifié « bœuf » a pour signifiant b-ø-f d'un côté de la frontière, et o-k-s (Ochs) de l'autre » (p. 100). Cela contredit l'assertion centrale selon laquelle deux signifiés de langues différentes ne peuvent être identiques. Si le Ochs allemand n'a pas à ses côtés comme le Ox anglais d'origine germanique, un mot d'origine normande comme le Beef, il a Rind dont l'opposition n'est pas identique (on dit aussi bien Ochsfleisch que Rindfleisch).*

⁵¹ É necessário confessar que Benveniste é ajudado por uma formulação infeliz de Saussure (ela figura em várias das fontes): “o significado ‘boeuf’ tem por significante ‘b-ø-f’ de um lado da fronteira, e o-k-s (ochs) de outro” (p. 100). Isto contradiz a asserção central segundo a qual dois significados de línguas diferentes não podem ser idênticos. Se o ochs alemão não tem como o ox inglês de origem germânica, uma palavra de origem normanda como o beef, tem rind cuja oposição não é idêntica (diríamos assim como Ochsfleisch e Rindfleisch).

signifié « sœur » ne serait plus le même. C'est en cela que le signifié, comme le signifiant, est arbitraire et, par conséquent, leur liaison et, donc, le signe dans sa totalité. C'est cet arbitraire qui explique autant la mobilité linguistique que l'immobilité (il repose sur la tradition). Pas plus qu'elle n'est un ensemble de noms (une « nomenclature »), la langue n'est un ensemble de signifiants et de signifiés, c'est un ensemble de différences et d'oppositions ou encore, selon une expression qui revient souvent dans le *Cours* : *elle est forme et non pas substance*.

La réception moderne de Saussure (après la Seconde Guerre Mondiale) a parfaitement assimilé, dans sa généralité, ce « principe des différences ». Ainsi, M. Merleau-Ponty :

ce que nous avons appris dans Saussure c'est que les signes un à un ne signifient rien, que chacun d'entre eux exprime moins un sens qu'il ne marque un écart de sens entre lui-même et les autres. Comme on peut en dire autant de ceux-ci, la langue est faite de différences sans termes, ou plus exactement les termes en elle ne sont engendrés que par les différences qui apparaissent en eux (*Signes*, 1960, premières lignes du chap. I).

« Idée difficile » ajoute aussitôt le philosophe. En effet, nous ne concevons une relation qu'entre des termes donnés ; pour la logique moderne³⁴, elle n'est que le produit cartésien des ensembles de ses termes. Un ensemble n'est lui-même défini que par une propriété clairement identifiable, même si elle fonctionne comme la différence spécifique des classifications aristotéliennes. Ou bien nous trouvons une façon de réduire ce hiatus entre le texte saussurien et le statut des relations ou bien il

significado “irmã” não seria mais o mesmo. É nisto que o significado, como significante, é arbitrário e, por consequência, sua ligação e, por isso, o signo na sua totalidade. É esse arbitrário que explica tanto a mobilidade linguística quanto a imobilidade (ele repousa sobre a tradição). Da mesma forma que ela não é um conjunto de nomes (uma “nomenclatura”), a língua não é um conjunto de significantes e de significados, é um conjunto de diferenças e de oposições ou, ainda, segundo uma expressão que aparece frequentemente no curso: *ela é forma e não substância*.

A recepção moderna de Saussure (após a Segunda Guerra Mundial) perfeitamente assimilou, em sua generalidade, esse “princípio das diferenças”. Assim, M. Merleau-Ponty:

o que aprendemos com Saussure foi que os signos, um a um, nada significam, que cada um deles expressa menos um sentido do que marca um desvio de sentido entre si mesmo e os outros. Como se pode dizer o mesmo destes, a língua é feita de diferença sem termos, ou, mais exatamente, os termos nela são engendrados apenas pelas diferenças que aparecem entre eles (*Signes*, 1960, primeiras linhas do chap. I)

“Ideia difícil”, acrescenta logo o filósofo. De fato, nós concebemos uma relação somente entre termos dados; para a lógica moderna, ela é somente o produto cartesiano dos conjuntos de seus termos. Um conjunto é ele mesmo definido somente por uma propriedade claramente identificável, mesmo se ela funciona como a diferença específica das classificações aristotélicas. Ou nós encontramos uma maneira de reduzir este hiato entre o texto saussuriano e o estatuto de relações, ou é

³⁴ Selon toute vraisemblance Saussure est totalement ignorant de la logique moderne. On notera que les cours sont contemporains de la publication des *Principia Mathematica* de B. Russell et N. Whitehead, qui commence en 1911. [Segundo toda verossimilhança Saussure desconhece a lógica moderna. Notaremos que os cursos são contemporâneos da publicação de *Principia Mathematica* de B. Russell e N. Whitehead, que começa em 1911.]

nous faut admettre que nous sommes en face de quelque chose de radicalement nouveau. Merleau-Ponty avait choisi la première branche de l'alternative : il y aurait un paradoxe semblable aux paradoxes de Zénon (nous dirions plutôt au paradoxe de l'œuf et de la poule). De nombreux commentateurs (Deleuze, Derrida, Milner, notamment) ont choisi la seconde branche et voient en Saussure l'initiateur d'une *nouvelle ontologie*³⁵. Rien dans l'état des sources et, plus encore, dans l'état des connaissances dont Saussure disposait ne permet de trancher. Après tout, le genevois était un linguiste qui s'efforçait tant bien que mal de mettre au clair les idées générales que lui inspiraient son métier et les discussions de ses confrères. Hjelmslev (1943), bon connaisseur de la logique moderne, reprendra le principe des différences et ses implications sur l'arbitraire, en se gardant de recourir aux métaphores peu claires (comme celle des « masses amorphes » de la pensée et du son), mais en mettant en correspondance des lexiques provenant de langues différentes bien constituées (par exemple sur les couleurs).

7. La sémiologie

On prête souvent à Saussure, l'invention d'une « discipline » nouvelle, la sémiologie. Naville, son collègue à l'Université de Genève, notait que « M. Ferdinand de

necessário admitir que nós estamos diante de alguma coisa radicalmente nova. Merleau-Ponty havia escolhido a primeira alternativa: haveria um paradoxo semelhante aos paradoxos de Zénon (nós diríamos antes ao paradoxo do ovo e da galinha). Numerosos comentadores (Deleuze, Derrida, Milner, sobretudo) escolheram a segunda alternativa e viram em Saussure o iniciador de uma nova ontologia⁵². Nada no estado das fontes e, mais ainda, no estado dos conhecimentos dos quais Saussure dispunha permite decidir por uma das alternativas. Afinal, o genebrino era um linguista que se esforçava, tanto bem quanto mal, para colocar às claras as ideias gerais que lhe inspiravam, tanto na sua profissão quanto nas discussões com seus colegas. Hjelmslev (1943), bom conhecedor da lógica moderna, retomará o princípio das diferenças e suas implicações sobre o arbitrário, abstendo-se de recorrer às metáforas pouco claras (como aquela das “massas amorfas” do pensamento e do som), mas colocando em correspondência os léxicos provenientes de línguas diferentes bem constituídas (por exemplo, sobre as cores).

7. A Semiologia

Atribuímos frequentemente a Saussure a invenção de uma “disciplina” nova, a semiologia. Naville, seu colega na Universidade de Genebra, notava que

³⁵ *On aurait tort de n'y voir qu'une opposition à deux termes : une ontologie classique d'un côté et Saussure de l'autre. L'ontologie occidentale n'est pas si monolithique que le laisse entendre la conception des relations à partir de la logique des classes que nous venons d'exposer. Il a existé et il existe des modèles alternatifs, ne serait-ce que la logique stoïcienne de l'événement ou la méréologie de Lesniewsky que ses partisans conçoivent comme une alternative à la théorie des ensembles. A notre connaissance, Deleuze (La logique du sens, 1969) est le seul à avoir tenté un rapprochement de la logique stoïcienne et du structuralisme. On notera que depuis les années 30 le lambda-calcul permet d'utiliser les relations sans recourir à des ensembles préexistants. C'est Hjelmslev qui est semble-t-il (avec son concept de fonction) le plus proche de ce type de solution.*

⁵² Nós estaremos enganados se víssemos aí tão somente uma oposição em dois termos: uma ontologia clássica de um lado e Saussure de outro. A ontologia ocidental não é tão monolítica quanto a deixa entender a concepção das relações a partir da lógica de classes que nós acabamos de expor. Existiu e existe modelos alternativos, poderiam citar somente a lógica estóica do acontecimento ou a mereologia de Lesniewsky que seus partidários concebem como uma alternativa à teoria dos conjuntos. Em nosso conhecimento, Deleuze (La Logique du sens, 1969) é o único a ter tentado uma reaproximação da lógica estóica e do estruturalismo. Notaremos que desde os anos 30 o cálculo-lambda permite utilizar as relações sem recorrer aos conjuntos pré-existentes. É Hjelmslev que parece (com seu conceito de função) o mais próximo deste tipo de solução.

Saussure insiste sur l'importance d'une science très générale qu'il appelle *sémiologie* et dont l'objet serait les lois de la création et de la transformation des signes et de leurs sens » (*Nouvelle classification des sciences. Etude philosophique*, 1901²). Comment pouvons-nous comprendre cette nouveauté. Saussure serait-il l'inventeur de la sémiologie ?

A première vue cette attribution peut paraître sujette à caution. L'idée d'une science des signes n'est certainement pas une nouveauté au tournant du 20^{ème} siècle³⁶. On peut la faire remonter au moins à la tripartition stoïcienne des sciences entre logique³⁷, physique et morale. De façon plus moderne, c'est un héritage de la philosophie classique. Dans le dernier chapitre du livre IV de son *Essai concernant l'entendement humain* (16), Locke reprenait la division stoïcienne, en lui donnant un autre nom : « La troisième division pourrait être appelée *sêmiotikê* ou science des signes ; et comme les mots en font la plus ordinaire partie, elle est aussi nommée assez proprement *Logique*. Son emploi consiste à considérer la nature des signes dont l'esprit se sert, pour entendre les choses, ou pour communiquer sa connaissance aux autres ». Dans son commentaire Leibniz commençait par remarquer : « Cette division a déjà été célèbre chez les anciens » (*Nouveaux essais sur l'entendement humain*). Les œuvres de Locke et Leibniz ont bénéficié en 1823 d'une édition conjointe par F. Thurot, qui était connue dans les milieux genevois, il semble impossible que Saussure ait pu l'ignorer, au moins pas à partir de 1874³⁸.

“Ferdinand de Saussure insiste sobre a importância de uma ciência muito geral que ele chama de semiologia e cujo objeto seria as leis da criação e da transformação dos signos e dos seus sentidos” (*Nouvelle classification des sciences. Études Philosophique*, 1901). Como podemos compreender esta novidade: Saussure seria o inventor da Semiologia?

À primeira vista, essa atribuição pode parecer sujeita à caução. A ideia de uma ciência dos signos não é certamente uma novidade na virada do século XX⁵³. Podemos fazê-la remontar, ao menos, à tripartição estoica das ciências entre lógica, física e moral. De maneira mais moderna, é uma herança da filosofia clássica. No último capítulo do livro IV de seu *Essay concernant l'entendement humain* (16), Locke retomava a divisão estoica dando-lhe um outro nome: “a terceira divisão poderia ser chamada de *sêmiotikê* ou ciência dos signos; e, como as palavras fazem uma parte comum, ela também foi bem apropriadamente nomeada *Lógica*. Seu emprego consiste em considerar a natureza dos signos do qual o espírito se serve para entender as coisas, ou para comunicar o seu conhecimento aos outros”. Em seu comentário, Leibniz começou por destacar: “Esta divisão já era célebre na obra dos antigos” (*Nouveaux essais sur l'entendement humain*). As obras de Locke e Leibniz foram beneficiadas em 1823 de uma edição conjunta por F. Thurot, que era conhecido entre os genebrinos, ao que parece impossível que Saussure possa tê-lo

³⁶ Rappelons que le terme « sémiologie » est un terme traditionnel de médecine (« partie de la médecine qui traite des signes des maladies », Littré) et que le terme « sémiotique » lui est synonyme, tout en disposant d'une acception supplémentaire (« art de faire manœuvrer les troupes en leur indiquant les mouvements par signes et non par la voix », Littré).

³⁷ La constitution de la logique est consubstantielle à une réflexion sur la nature de l'expression verbale (le *sumbolon* d'Aristote). On trouve la théorie aristotélécienne du signe linguistique dans le deuxième traité de l'*organon* sur l'Interprétation. [A constituição da lógica é consubstancial a uma reflexão sobre a natureza da expressão verbal (o *sumboloen* de Aristóteles). Encontramos a teoria aristotélica do signo linguístico no segundo tratado do *Organon* sobre a Interpretação.]

³⁸ Il existe un exemplaire de l'ouvrage (aujourd'hui en ma possession, SA) qui porte le cachet de Théodore Flournoy et la date manuscrite de 1874. Flournoy, professeur de psychophysiologie, a eu recours à Saussure pour analyser les productions linguistiques du médium Hélène Smith et fut le maître, puis le beau-père, de R. de Saussure, le fils cadet de Ferdinand.

⁵³ Lembremos que o termo “semiologia” é um termo tradicional da medicina (“parte da medicina que trata

Au 18^{ème} siècle, la sémiotique a permis d'organiser l'ensemble des conceptions cognitives autour de la trilogie, classique depuis Aristote : son → idée → objet (S. Auroux, *La Sémiotique des Encyclopédistes*, 1979). Que viennent faire Saussure et sa sémiologie dans tout cela ?

Deux éléments vont considérablement changer les choses au 19^{ème} siècle et au tournant du 20^{ème}. D'abord l'attention pratique accordée aux systèmes et aux normes de communication humaine ; cette attention est motivée par l'internationalisation des échanges et les nouveaux moyens de communication (télégraphe, téléphone). C'est l'époque des créations de « langues universelles » ou plutôt de langues internationales auxiliaires (auxquelles peu de linguistes sont restés indifférents), mais aussi des accords internationaux sur l'Alphabet Phonétique International (API, 1888), le système d'unité CGS (Paris 1881), la nomenclature de chimie organique (Paris, 1889), la classification bibliographique décimale (M. Dewey, 1873), le Code International des signaux maritimes (à partir de 1856), etc. Le second élément, est le travail constant des mathématiciens et des logiciens à l'élaboration d'un système symbolique adéquat aux mathématiques et au calcul logique. G. Boole, C. S. Peirce, G. Peano, G. Frege, B. Russell ont produit des résultats qui ont changé complètement la logique. Ils ont tous réfléchi sur la nature des symboles et parfois, comme Peano, sur une langue internationale auxiliaire (*latino sine flexio*), ou comme Peirce, de façon plus générale, sur une discipline qu'il nommait *semeiotics*, ou, enfin, comme Frege inventé une idéographie (*Begriffsschrift*, 1879). L'orientation réformatrice et la critique des ambiguïtés des langues quotidiennes est un thème essentiel chez les logiciens, tout

ignorado, ao menos a partir de 1874⁵⁴. No século XVIII, a semiótica permitiu organizar o conjunto das concepções cognitivas em torno da trilogia, clássica desde Aristóteles: som → ideia → objeto (S. Auroux, *La Sémiotique des Encyclopédistes*, 1979). O que viria fazer Saussure e sua semiologia em tudo isso?

Dois elementos vão mudar consideravelmente as coisas no século XIX e na virada do século XX. Inicialmente, a atenção prática acordada aos sistemas e às normas de comunicação humana; essa atenção é motivada pela internacionalização dos intercâmbios e pelos novos meios de comunicação (telégrafo, telefone). É a época das criações de “línguas universais”, ou melhor, de línguas internacionais auxiliares (as quais poucos linguistas ficaram indiferentes), mas também de acordos internacionais sobre o Alfabeto Fonético Internacional - AFI (1888), o sistema de unidade CGS (Paris, 1881), a nomenclatura da Química Orgânica (Paris, 1889), a classificação bibliográfica decimal (M. Dewey, 1873), o código internacional dos sinais marítimos (a partir de 1856), etc. O segundo elemento é o trabalho constante de matemáticos e de lógicos na elaboração de um sistema simbólico adequado às matemáticas e ao cálculo lógico. G. Boole, C. S. Pierce, G. Peano, G. Frege, B. Russell produziram resultados que mudaram completamente a lógica. Todos eles refletiram sobre a natureza dos símbolos e, às vezes, como Peano, sobre uma língua internacional auxiliar (*latino sine flexio*), ou, como Pierce, de forma mais geral, sobre uma disciplina que ele nomeava *Semeiotics*, ou, ainda, como Frege inventou, uma ideografia (*Begriffsschrift*, 1879). A orientação reformista e a crítica das ambiguidades das línguas cotidianas é um tema essencial para os lógicos, assim como na obra da influente Lady Welby, que tentou

dos sinais das doenças”, Littré) e que o termo “semiótica” lhe é um sinônimo, dispondo de uma acepção suplementar (“arte de fazer manobrar as grupos indicando-lhes os movimentos por sinais e não pela voz”, Littré).

⁵⁴ Existe um exemplar da obra (hoje em minha posse, SA) que traz o carimbo de Théodore Flournoy e a data manuscrita de 1874. Flournoy, professor de psicofisiologia, recorreu a Saussure para analisar as produções linguísticas do médium Hélène Smith e foi o mestre, depois o sogro de R. de Saussure, o filho mais novo de Saussure.

comme chez l'influente Lady Welby³⁹, qui tenta toute sa vie d'institutionnaliser une discipline qu'elle avait baptisée *significs*⁴⁰. Aucun penseur d'envergure, de Brentano à Husserl ou de Frege à Russell n'a négligé la question du signe et de la signification.

Chez les linguistes l'évolution a été moins évidente. Les néogrammairiens s'intéressaient avant tout aux lois phonétiques et pas du tout à une quelconque théorie du signe ou de la signification. Si, dès les débuts du 19^{ème} siècle, les philologues allemands (sous le nom de « Semasiologie⁴¹ ») et les grammairiens français (souvent sous le nom d'idéologie⁴²) s'intéressent aux changements de signification, c'est clairement contre les néogrammairiens, que Bréal introduit le néologisme de « sémantique » :

Sêmantikê technê, la science des significations du verbe sêmainô, « signifier » par opposition à la phonétique la science des sons (Bréal, 1897, *Essai de sémantique*, 8, note 1).

On sait que Saussure a bien connu Bréal lors de son séjour parisien. Pourtant, il est assez critique envers la sémantique :

il est toujours question de ce qui se passe entre les termes du langage, or

toda sua vida institucionalizar uma disciplina que ela tinha batizado de *significs*⁵⁵. Nenhum pensador da envergadura de Brentano Husserl ou de Frege a Russell negligenciou a questão do signo e da significação.

Para os linguistas, a evolução foi menos evidente. Os neogramáticos se interessavam, antes de tudo, pelas leis fonéticas e, de maneira nenhuma, por qualquer teoria do signo ou da significação. Se, desde o começo do século XIX, os filólogos alemães (sob o nome de “Semasiologia”) e os gramáticos franceses (frequentemente sob o nome de ideologia) se interessam pelas mudanças de significação, é claramente contra os neogramáticos que Bréal introduz o neologismo de “semântica”:

Sêmantikê technê, a ciência das significações do verbo sêmainô, “significar” por oposição à fonética a ciência dos sons (Bréal, 1897, *Essai de sémantique*, 8, note 1).

Sabemos que Saussure conheceu muito bem Bréal quando de sua estada parisiense. Entretanto, ele é muito crítico em relação à semântica:

é sempre questão do que se passa entre os termos da linguagem; ora,

³⁹ Elle eut une correspondance avec Peirce et de nombreux intellectuels et fut à l'initiative de la traduction anglaise de l'Essai de Sémantique de M. Bréal. [Ela teve uma correspondência com Pierce e numerosos intelectuais e foi dela a iniciativa da tradução inglesa do Essai Sémantique de M. de Bréal.]

⁴⁰ Voir, par exemple, *Significs and Language. The articulate Form of our expressive and Interpretative Resources* (1911). La « significs » y est définie comme l'étude du processus de signification (« signification ») dans toutes ses formes et relations. La naissance de ce néologisme remonte à 1894, l'année même où, selon R. Engler, F. de Saussure aurait introduit le terme de « sémiologie » dans un manuscrit.

⁴¹ C'est le terme qu'emploiera souvent Bühler jusqu'à ce qu'il introduise le néologisme de « sematologie » en 1934. La théorie des signes de Bühler doit certainement plus à Husserl qu'à Saussure. [É o termo que empregará frequentemente Bühler até que ele introduza o neologismo de “sematologia” em 1934. A teoria dos signos de Bühler deve certamente mais a Husserl que a Saussure.]

⁴² On trouve encore ce terme, emprunté à Destutt de Tracy mais utilisé dans un sens plus restreint (« idéologie lexicologique »), chez les linguistes naturalistes français auxquels s'opposera Bréal. [Encontramos ainda este termo tomado emprestado de Destutt de Tracy mas utilizado em sentido mais restrito (“ideologia lexicológica”), nos linguistas naturalistas franceses aos quais se oporá Bréal.]

⁵⁵ Ver, por exemplo, *Significs and Language. The articulate Form of our expressive and Interpretative Resources* (1911). A “significs” foi definida como o estudo do processo de significação (“significância”) em todas as suas formas e relações. O nascimento desse neologismo remonta a 1894, no mesmo ano em que, segundo R. Engler, F. de Saussure teria introduzido o termo de “semiologia” em um manuscrito.

pour suivre – il faudrait d’abord savoir ce qu’ils sont, ce qu’on prend comme étant, avant de parler de phénomènes entre les termes existants (*Notes sur la linguistique générale*, Cours, éd. Engler, fasc. 4, 41).

para seguir, seria necessário inicialmente saber o que eles são, o que tomamos como estando, antes de falar de fenômenos entre os termos existentes. (Notas sobre a linguística geral, Curso, éd. Engler, fasc. 4, 41)

Ce qui est reproché à la sémantique, c’est de présupposer l’existence des termes dont elle étudie les relations, autrement dit d’ignorer le concept de valeur et l’unité du signifié et du signifiant. On comprend dès lors l’insistance du genevois sur la nécessité d’une science nouvelle⁴³ qui repose sur sa propre théorie du signe⁴⁴, laquelle est effectivement une innovation théorique de grande importance. C’est elle qu’il met en avant en notant que la sémiologie étudierait la langue comme fait particulier mais primordial. Au mieux la sémantique ne serait qu’une partie de la sémiologie (celle qui étudie les signifiés, pour autant qu’on la puisse imaginer indépendante de l’étude des signifiants). En assignant à cette discipline, nouvelle par son objet, comme but « la vie des signes au sein de la vie sociale », il ne fait que suivre l’intérêt général de son époque pour les nouveaux systèmes de communication. Le choix d’un fondement sociologique plutôt que psychologique n’est pas anodin : on quitte l’ontologie subjectiviste que véhicule depuis des millénaires le concept de signification analysé en termes « d’idées » pour l’existence collective des entités sociales. Font partie du domaine de la sémiologie, outre la langue, l’écriture, les signaux

O que é criticado na semântica é pressupor a existência dos termos a partir dos quais ela estuda as relações; dito de outro modo, é ignorar o conceito de valor e a unidade do significado e do signifiante. Compreendemos, desde então, a insistência do genebrino sobre a necessidade de uma ciência nova que repousa sobre sua própria teoria do signo⁵⁶, a qual é efetivamente uma inovação teórica de grande importância. Colocando-a à frente, ele define que a semiologia estudará a língua não só como fato particular, mas também como fato primordial. Na melhor das hipóteses, a semântica seria somente uma parte da semiologia (aquela que estuda os significados, por mais que possamos imaginá-la independente do estudo dos significantes). Assinalando a essa disciplina, nova por seu objeto, como caminho à “vida dos signos no seio da vida social”, ele somente segue ao interesse geral de sua época pelos novos sistemas de comunicação. A escolha de um fundamento sociológico em vez de psicológico não é anódino: deixamos a ontologia subjetivista que veicula, desde os milênios, o conceito de significação analisado em termos “de ideias” para a existência coletiva de entidades sociais. Fazem parte do domínio

⁴³ Saussure semble assez fier de son invention : « C’est sous ce nom que M. A. Naville [dans sa *Nouvelle classification des sciences* 1901] a fait l’honneur à cette science de la recevoir pour la première fois dans le cercle » (*Écrits de linguistique générale*, 266). Dans le contexte historique que l’on vient d’évoquer, il est difficile d’imaginer un Saussure suffisamment naïf ou mal informé pour croire que l’idée d’une quelconque théorie du signe soit une nouveauté. S’il s’agit d’une discipline nouvelle pour lui, c’est dans la stricte mesure où elle doit reposer sur la conception binaire du signe et de la valeur, qui sont bien des nouveautés. [Saussure parece muito confiante em sua invenção: “é sob este nome que M. A. Naville [em sua *Nouvelle Classification des Sciences*, 1901] fez a honraria a essa ciência de recebê-la pela primeira vez no círculo” (*Écrits de Linguistique Générale*, 266). No contexto histórico que recém evocamos, é difícil de imaginar um Saussure suficientemente ingênuo ou mal informado para acreditar que a ideia de uma teoria qualquer do signo seja uma novidade. Se se trata de uma nova disciplina para ele, é na estrita medida em que ela deve repousar sobre a concepção binária do signo e do valor, que são novidades.]

⁴⁴ Il lui est arrivé ultérieurement d’évoquer la possibilité d’utiliser le terme « signologie » qu’il abandonne parce que Naville aurait consacré « sémiologie ».

⁵⁶ Ele conseguiu posteriormente evocar a possibilidade de utilizar o termo “signologia” que ele abandona porque Naville teria consagrado “semiologia”.

visuels (langue des sourds muets, signaux militaires et maritimes) et tactiles (aveugles), les formes de politesse (rites, coutumes, etc.). En général la discipline étudierait les systèmes de valeur arbitrairement fixables, et elle aura à voir « si les systèmes autres qu'arbitraires sont aussi de son ressort ».

On ne peut que remarquer la confusion qui entoure le thème d'une théorie des signes à l'époque considérée. Le célèbre *Vocabulaire technique et critique de la philosophie* de Lalande (1927), qui fut élaboré au cours de séances de la Société française de philosophie, comprend une entrée « sémantique », auquel on adjoint une Remarque qui réfère à la *sêmeiotikê* de Locke et à la *significs* de Lady Welby. Mais il comprend aussi une entrée « sémiologie », avec une citation directe de Saussure, notant que la sémantique n'en ferait qu'une partie et qu'on dit aussi « séméiologie ». Toutefois l'entrée renvoie également à l'article « significs » que Lady Welby a rédigé pour le *Dictionnaire of Philosophie and Psychologie* (1901-1905) de Baldwin, ainsi qu'à son livre *What is Meaning ?* (1903).

Les différentes théories des signes que l'on rencontre ont des consistances bien différentes. Même chez les logiciens dont le problème essentiel est de clarifier le rapport des noms aux objets pour construire une doctrine de la vérité, les modalités d'appréhension sont multiples. Si Frege est bien connu pour mettre en avant la distinction entre sens et référence⁴⁵ (« Ueber Sinn und Bedeutung », 1892), Russell identifie la signification à la seule référence (« On Denoting » (1905). Husserl dans la *Seconde Recherche logique* (1901, 1913²) reconnaît, en renvoyant à J. S. Mill, la nécessité de commencer la logique par une réflexion sur le langage⁴⁶. On lui doit l'idée

de semiologia, além da língua, a escritura, os sinais visuais (língua dos surdos mudos, sinais militares e marítimos) e tátil (cegos), as formas de polidez (rituais, costumes, etc.). Em geral, a disciplina estudará os sistemas de valor arbitrariamente fixados e ela terá como interesse “se os sistemas outros que arbitrários são também de seu domínio”.

Não podemos não trazer à baila a confusão em torno do tema de uma teoria dos signos dessa época. O célebre vocabulário técnico e crítico da filosofia de Lalande (1927), que foi elaborado ao longo das sessões da Sociedade Francesa de Filosofia, compreende uma entrada “semântica”, a qual acrescentamos um destaque, que refere à *sêmeiotikê* de Locke e à *Significs* de Lady Welby. Mas se compreende também uma entrada “semiológica”, com uma citação direta de Saussure, notando que a semântica faria somente uma parte e que dizemos também séméiologie”. Todavia, a entrada remete igualmente ao artigo “Significs” que Lady Welby redigiu para o *Dictionary of Philosophie and Psychologie* (1901-1905) de Baldwin, assim como seu livro *What is Meaning?* (1903).

As diferentes teorias dos signos que encontramos têm consistências bem diferentes. Mesmo aos lógicos para os quais o problema essencial é esclarecer a relação dos nomes aos objetos para construir uma doutrina da verdade, as modalidades de apreensão são múltiplas. Se Frege é bem conhecido por avançar na distinção entre sentido e referência (“Ueber Sinn Und Bedeutung”, 1892), Russell identifica a significação a uma única referência (“On denoting”, 1905). Husserl, na *Seconde Recherche Logique* (1901, 1913), reconhece, remetendo a J. S. Mill, a necessidade de começar a lógica por uma reflexão sobre a linguagem. Nós devemos a

⁴⁵ Distinction reprise par Husserl : « Deux noms peuvent signifier quelque chose de différent, mais nommer la même chose » (*Recherches logiques*, t. 2, chap. I, § 12). [Distinção retomada por Husserl: “dois nomes podem significar alguma coisa de diferente, mas nomear a mesma coisa” (*Recherches Logiques*, T. 2, Chap. I, 12).]

⁴⁶ Voir note x, p. n, sur le précédent d'Aristote.

que l'indication diffère essentiellement de l'expression en ce qu'elle n'a pas de fonction de signification ; l'expression énonce quelque chose, mais elle énonce aussi quelque chose sur un objet. Jamais l'objet ne coïncide avec la signification. Toutefois, c'est un acte qui est donateur de sens et dans cet acte « on ne saurait distinguer deux faces qui donneraient à l'expression, l'une la signification, et l'autre la détermination de son orientation à l'objet ». Si, la plupart du temps, les auteurs se connaissent, ils se critiquent souvent. C. K. Ogden et I. A. Richards, disciples de Lady Welby, (*The Meaning of Meaning. A Study of the Influence of Language upon Thought and of the Science of Symbolism*, 1923) éreintent aussi bien Bréal que Saussure pour avoir admis la fixité de la signification (“a fixed meaning, a part of *la langue*”) et le caractère uniquement binaire du signe. Pour eux les philologues et les grammairiens n'ont pas une formation suffisante à la maîtrise d'un langage analytique et abstrait.

La conception du signe n'est donc pas quelque chose d'univoque et de stable. L'innovation saussurienne, pour importante qu'elle soit ne constituera qu'un noyau relatif de stabilité parmi les structuralistes européens.

C'est seulement après la seconde guerre mondiale, dans le contexte de la croissance universitaire, que la sémiologie va, peu ou prou, devenir une discipline d'enseignement et de recherche générale. On lui reconnaît alors une origine chez les stoïciens et chez Locke, à l'instar de C. Morris (*Signification and Significance. A Study of the Relations of Signs and Values*, 1964). Mais, comme discipline, elle n'est pas liée à une théorie particulière du signe. On lui attribue des domaines variés, comme la zoosémiotique et, appliquée au langage humain, elle se divise en phonétique, syntaxe et pragmatique (Morris). Th. Sebeock fonde la revue *Semiotica* en 1969 et la dirige jusqu'à sa mort en 2001. Il est à l'origine de l'International Association for Semiotic Studies qui tient son premier congrès mondial à Milan, en 1976. Contemporaine

ele a ideia de que a indicação difere essencialmente da expressão em que ela não tem função de significação; a expressão enuncia alguma coisa, mas ela enuncia também alguma coisa sobre um objeto. Jamais o objeto coincide com a significação. Todavia, é um ato de atribuição de sentido e nele “não saberíamos distinguir senão duas faces que dariam à expressão uma significação, e à outra, a determinação de sua orientação ao objeto”. Se, na maior parte do tempo, os autores se conhecem, eles se criticam frequentemente. C. K. Ogden e I. A. Richards, discípulos de Lady Welby, (*The Meaning of Meaning. A Study of The Influence of Language Upon Thought And Of The Science of Symbolism*, 1923) maltratam tanto Bréal quanto Saussure por terem admitido a fixidez da significação (“a fixed meaning, a part of *la langue*”) e o caráter unicamente binário do signo. Para eles, os filólogos e os gramáticos não têm uma formação suficiente para dominar uma linguagem analítica e abstrata.

A concepção de signo não é, por isso, qualquer coisa de unívoca e estável. A inovação saussuriana, por mais importante que seja, constituiu somente um núcleo relativo de estabilidade entre os estruturalistas europeus.

É somente após a Segunda Guerra Mundial, no contexto do desenvolvimento universitário, que a semiologia vai, mais ou menos, tornar-se uma disciplina de ensino e de pesquisa geral. Nós lhe reconhecemos então uma origem nos estoicos e em Locke, à exemplo de C. Morris (*Signification and Significance. A Study of the Relations of Signs and Values*, 1964). Mas, como disciplina, ela não está ligada a uma teoria particular do signo. Nós lhe atribuímos domínios variados, como a zoosemiótica e, aplicada à linguagem humana, ela se divide em fonética, sintaxe e pragmática (Morris). Th. Sebeock funda a revista *Semiotica*, em 1969, e a dirige até sua morte, em 2001. Ele está na origem da criação do International Association for Semiotic Studies, que teve seu primeiro congresso mundial em Milão, em 1976. Contemporânea ao

du développement du structuralisme, cette sémiotique n'est pas essentiellement liée au saussurisme. Nous conserverons, de façon quelque peu arbitraire, le nom de sémiologie pour désigner un courant qui entend s'appuyer uniquement sur la conception saussurienne binaire du signe. Il apparaît essentiellement en France, avec des auteurs comme Prieto, Barthes ou Greimas et joue un rôle fondateur pour l'extension du structuralisme. La chaire que R. Barthes obtient au Collège de France en 1976 sera baptisée « chaire de sémiologie (littéraire) ». Le développement institutionnel de la sémiotique joue incontestablement un rôle de garant et de caisse de résonance pour les partisans structuralistes de la sémiologie. On notera toutefois qu'à la fin des années quatre-vingt le terme de « sémiotique » semble l'emporter, y compris chez les disciples de Greimas, qui lui-même parlait de « carré sémiotique » et non de « carré sémiologique ». Il est difficile de voir aujourd'hui dans l'innovation saussurienne autre chose qu'une tentative de restriction qui a eu de l'écho mais n'a guère pu s'imposer, en raison de sa restriction même. La conception binaire du signe ne pouvait paraître qu'un embarras de linguiste pour une partie de la logique aussi importante que la théorie des modèles, pour qui l'essentiel est la référence du signe. Même en linguistique, j'imagine que l'analyse de phénomènes comme l'anaphore peut difficilement se passer de la référence.

Conclusions

Le but de l'historien des sciences est de remettre à plat le développement des connaissances. Evidemment cela aplatit quelque peu les auteurs. Rétrospectivement, on ne trouve pas dans les autres inventions saussuriennes quelque chose d'aussi net que la découverte des coefficients sonantiques. Dans ce cas l'état de la discipline et son fonctionnement sociologique ne sont pas à sous-estimer. Toutefois Saussure est un scientifique de très grande envergure et auteur de multiples innovations, parmi lesquelles certaines sont de grandes inventions. S'il fallait les évaluer j'opterais

desenvolvimento do estruturalismo, essa semiótica não está essencialmente ligada ao saussurianismo. Nós conservaremos, de uma maneira pouco arbitrária, o nome de semiologia para designar uma corrente que se apoia unicamente sob a concepção saussuriana binária do signo. Ela aparece essencialmente na França, com autores como Prieto, Barthes ou Greimas, e tem um papel fundador para a extensão do estruturalismo. A cadeira que R. Barthes obtém no Collège de France, em 1976, será batizada “cadeira de semiologia (literária)”. O desenvolvimento institucional da semiótica tem um papel incontestável de garantia e de caixa de ressonância para os partidários estruturalistas da semiologia. Vamos ver, todavia, que, ao fim dos anos oitenta, o termo “semiótica” vai ganhar do termo semiologia, e aí também referem os discípulos de Greimas que ele mesmo falava de “quadrado semiótico” e não de “quadrado semiológico”. É difícil ver hoje, na inovação saussuriana, outra coisa se não uma tentativa de restrição, que teve eco, mas que não conseguiu se impor, em razão de sua própria restrição. A concepção binária do signo podia parecer somente um embaraço de linguistas para uma parte da lógica tão importante quanto a teoria dos modelos, para quem o essencial é a referência do signo. Mesmo em linguística, eu imagino que a análise de fenômenos como a anáfora pode dificilmente se passar da referência.

Conclusões

O objetivo do historiador da ciência é colocar em ordem o desenvolvimento do conhecimento. Evidentemente, isso de certa forma lineariza os autores. Retrospectivamente, não encontramos nas outras invenções saussurianas alguma coisa de tão nítida quanto a descoberta dos coeficientes sonânticos. Neste caso, o estado da disciplina e seu funcionamento sociológico não devem ser subestimados. Todavia, Saussure é um cientista de grande envergadura e autor de múltiplas inovações, entre as quais, algumas são de grande invenção. Se fosse preciso avaliá-las, eu

incontestablement pour mettre la « valeur » au premier plan, d'autant que le reste peut largement s'en déduire (même s'il ne s'agit certainement pas de l'ordre de découverte). Que cette invention surgisse dans un noyau de rationalité présent dans une série fort longue, non seulement met en lumière le processus normal d'évolution des connaissances, mais, surtout, le coup de force théorique inouï de Saussure qui fait de la différence la réalité même de l'élément.

optaria incontestavelmente por colocar o “valor” em primeiro plano, até porque o resto pode muito bem ser deduzido (mesmo se não se trata certamente da ordem de descoberta). Que essa invenção surja em um núcleo de racionalidade presente em uma série muito longa, não somente coloca luz no processo normal de evolução do conhecimento, mas, sobretudo, faz da força teórica surpreendente de Saussure diferença na realidade mesma do elemento.

Artigo recebido em: junho de 2017.

Aprovado e revisado em: setembro de 2017.

Publicado em: novembro de 2017.

Para citar este texto:

AUROUX, Sylvain. [versão bilíngue francês-português] Que peut dire un historien des sciences sur Saussure? [O que pode dizer um historiador da ciência sobre Saussure? Trad. Bras. de Amanda Eloina Scherer, Maria Iraci Sousa Costa, Maurício Bilião]. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, *on-line*, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 15, p. 169-196, jul. - dez. 2017.
DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol15pagina169a196>